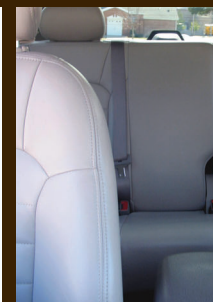


RELATÓRIO

DE ACOMPANHAMENTO SETORIAL

INDÚSTRIA DE COURO

MARÇO 2011



RELATÓRIO

DE ACOMPANHAMENTO SETORIAL

INDÚSTRIA DE COURO

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial - ABDI

Mauro Borges Lemos

Presidente

Maria Luisa Campos Machado Leal

Diretora

Clayton Campanhola

Diretor

Carla Maria Naves Ferreira

Gerente

Rogério Dias de Araújo

Coordenador

Supervisão

Maria Luisa Campos Machado Leal

Equipe Técnica**Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial - ABDI**

Carla Naves Ferreira – *Gerente*

Rogério Dias de Araújo – *Coordenador de Inteligência Competitiva*

Jorge Luís Ferreira Boeira – *Especialista*

Carlos Henrique de Mello Silva – *Técnico*

Cid Cunha da Silva – *Técnico*

Vandete Cardoso Mendonça – *Técnica*

Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas - IE/Unicamp

Mariano Francisco Laplane

Diretor

Núcleo de Economia Industrial e Tecnologia - NEIT/IE-Unicamp

Fernando Sarti – *Coordenador do Projeto ABDI/NEIT/IE-UNICAMP*

Célio Hiratuka – *Coordenador do Projeto ABDI/NEIT/IE-UNICAMP*

Relatório de Acompanhamento Setorial: Indústria de Couro

Adriana Marques da Cunha

Autora

Revisão

Noel Arantes

Projeto gráfico e Diagramação do miolo

Marina Proni

SUMÁRIO

Introdução	7
1. Apresentação e Caracterização da Indústria Mundial de Couro	8
2. Tendências do Comércio Mundial de Couro	14
3. Caracterização e Análise do Desempenho da Indústria Brasileira de Couro	18
3.1. Estrutura e Concentração	19
3.2. Consumo, Produção e Investimento	20
3.2.1. Consumo	20
3.2.2. Produção, Valor Agregado e Produtividade	21
3.2.3. Investimento	24
3.3. Emprego, Escolaridade e Rendimentos do Trabalho	27
3.4. Tecnologia e Esforço de Inovação	31
3.5. Comércio Exterior	32
4. Principais Desafios Competitivos	39
Referências Bibliográficas	41

INTRODUÇÃO

Este Relatório de Acompanhamento Setorial dedicado à Indústria de Couro contém uma breve apresentação e caracterização da indústria mundial de couro, além de um detalhamento das tendências do comércio internacional do produto. Este documento tem como foco principal a análise das características e do desempenho da indústria brasileira de couro em termos de consumo, produção, valor agregado, produtividade, investimento, emprego e esforço de inovação, bem como do comportamento e das tendências recentes e perspectivas do comércio externo brasileiro de couro, considerando a relevante participação do Brasil na produção mundial e nos fluxos comerciais internacionais do produto.

1. APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA MUNDIAL DE COURO

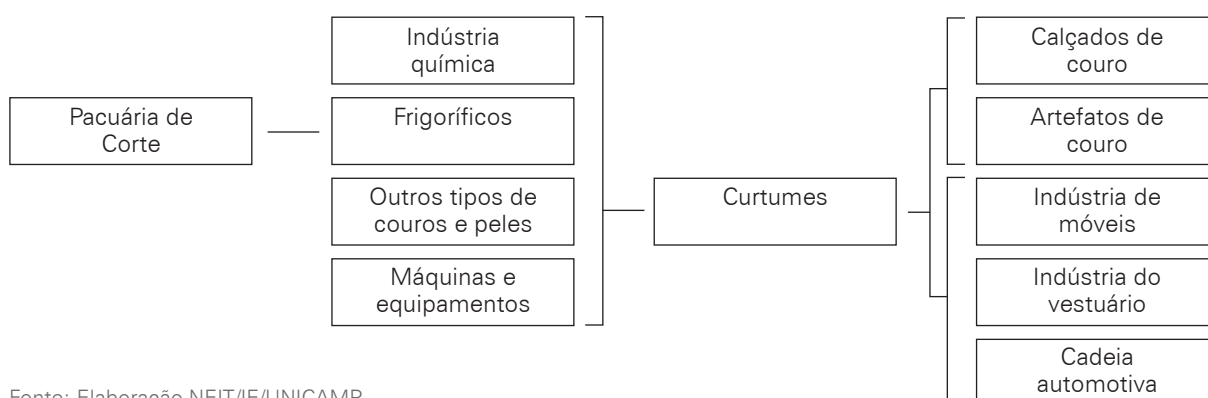
A indústria de couro participa de diferentes cadeias produtivas. Ela depende da pecuária de corte e dos frigoríficos, que fornecem sua principal matéria-prima. A indústria compõe-se especialmente dos curtumes, que fabricam seu produto final (couro), e fornece para diferentes indústrias, que utilizam o couro como um de seus insumos: calçados e artefatos, vestuário, móveis e automobilística (Figura 1).

Uma das características da indústria de couro é a natureza heterogênea de seu produto final, pois os frigoríficos/curtumes podem produzir e fornecer o couro em diferentes estágios de acabamento: o couro salgado, o *wet blue*, o *crust* ou o couro acabado. O couro salgado é o produto mais simples, de menor valor agregado, que resulta do processo inicial de salgamento do couro para permitir sua conservação, transporte e armazenamento. O couro *wet blue* deriva sua denominação de seu tom azulado e molhado, resultado de um primeiro banho de cromo, depois de ser despelado e passar pela remoção de graxas e gorduras. O couro *crust* é fruto do processo de secagem do couro, que o torna um produto semiacabado destinado ao processo de acabamento. O couro acabado, de superior valor agregado, deriva do último estágio da produção de couro e incorpora as características mais especí-

ficas exigidas pelo comprador, que pode utilizá-lo diretamente na produção dos mais diversos produtos finais. O couro pode advir de uma grande variedade de animais, como equinos, caprinos e bovinos. O couro bovino predomina na produção e na comercialização mundial de couro. Dados compilados pelo International Council of Tanners (ICT) mostram que aproximadamente 65% do couro produzido no mundo têm origem bovina (fonte original: FAO).

Existem tentativas de substituição do couro como matéria-prima para ampla gama de produtos finais. Cumpre destacar a crescente utilização de novos materiais, principalmente dos materiais sintéticos, em substituição a matérias-primas naturais, como o couro. No caso de calçados, a substituição tem ocorrido tanto no cabedal (parte de cima dos calçados) quanto, e principalmente, nos solados, ou mesmo em todo o produto final, como nos calçados feitos de material plástico injetado. Entretanto, não foram ainda desenvolvidos materiais capazes de substituir perfeitamente o couro, incorporando suas principais características, como estilo, leveza e adaptabilidade (Garcia e Madeira, 2007). Portanto, o couro ainda se mantém como principal insumo para a fabricação de inúmeros produtos, como os calçados, sendo crescentemente utilizado em um conjunto diversificado de

Figura 1 - Principais Elos da Cadeia Produtiva de Couro



outros produtos, como móveis e automóveis, carecendo, contudo, do desenvolvimento de formas mais limpas e eficientes de tratamento.

Outra característica da indústria de couro é a simplicidade do processo de produção, marcado por uma tecnologia madura e pelo uso intensivo de mão de obra pouco qualificada, levando a reduzidas barreiras à entrada de novas empresas. A fabricação do couro depende da atividade pecuária, seguida pelo abate dos animais e pelo descarte nos abatedouros. O processamento do couro passa basicamente por seu curtimento e acabamento nos curtumes¹. Os curtumes podem ser classificados de acordo com a etapa de processamento do couro que realizam: (a) o curtume *wet blue* desenvolve o primeiro processamento do couro após o abate, quando é dado o primeiro banho de cromo, gerando um tom azulado e molhado do couro (*wet blue*); (b) o curtume de semiacabado utiliza o couro *wet blue* como matéria-prima e o transforma em couro *crust* (semiacabado); (c) o curtume de acabamento transforma o couro *crust* em couro acabado; e (d) o curtume integrado realiza todas as operações de processamento, desde o couro cru até o acabado (Alves, Renofio e Barbosa, 2008). Os curtumes se encarregam do processamento do couro animal com o objetivo de fornecer, por exemplo, o couro acabado para a fabricação de diversos produtos finais, como calçados, móveis e estofamentos de automóveis.

Documento da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, 2004) alerta para os problemas ambientais decorrentes da própria natureza do processamento do couro, que, por um lado, requer enormes quantidades de água e utiliza produtos químicos ambientalmente nocivos, como o cromo², e, por outro lado, elimina resíduos que se convertem em fonte de

contaminação ambiental. Os curtumes são responsáveis por grande parte da geração de resíduos nocivos ao meio ambiente, tais como gases, aparas, serragem, lodos da estação de tratamento de efluentes líquidos e aqueles provenientes de banhos. Grande parte do resíduo ambiental é produzida nos estágios iniciais da cadeia produtiva do couro: a produção de couro até o estágio *wet blue* produz 85% do resíduo ambiental da cadeia produtiva (Santos *et al.*, 2002).

Neste cenário, destaca-se a importância da regulamentação ambiental para a atividade de processamento de couro, bem como a dos investimentos no desenvolvimento de formas limpas de tratamento por parte dos países que desejam desempenhar um papel ambientalmente correto na indústria e no comércio mundial. O estudo da FAO (2004) mostra que o cumprimento de requisitos ambientais pode inclusive continuar determinando a transferência de curtumes dos países desenvolvidos para países em desenvolvimento, onde as regulamentações ambientais são menos restritivas, além dos custos relativamente mais baixos da mão de obra. A competitividade dos curtumes europeus, por exemplo, poderá ser afetada pela Regulamentação Europeia REACH (*Registration, Evaluation, Authorisation and Restriction of Chemicals*), que entrou em vigor em junho de 2007, cujo objetivo é criar um sistema único de regulação química para os países europeus, no sentido de aprimorar a proteção à saúde humana e/ou ao ambiente, através da identificação e da substituição de perigosas substâncias químicas utilizadas no processo produtivo de diferentes indústrias, como a de couro e calçados (FAO, 2007).

Outra característica da indústria mundial de couro é sua estrutura heterogênea, marcada pela coexistência de um elevado número de pequenos e médios curtumes que concentram sua atuação em seus respectivos países de origem, com um reduzido grupo de grandes curtumes que desenvolveram uma relevante inserção no comércio internacional, destinando parte significativa de sua produção ao mercado mundial. Ademais, alguns grandes frigoríficos verticalmente integrados têm se destacado na indústria de couro. Eles têm se dedicado ao processamento do couro além da carne, tornando-se não somente fornecedores de couro cru, mas também de couro *wet blue*, ou mesmo procedendo ao processamento do couro até o estágio final de acabamento.

Também caracteriza a indústria mundial de

1 Para detalhes sobre as etapas de processamento de couro, consultar International Trade Center (ITC), *Leather Guidebook*.

2 O cromo é extensivamente utilizado no processo de curtimento. Segundo dados do ICT, aproximadamente 90% do couro manufaturado utiliza cromo no curtimento. Isto porque o cromo é considerado o agente de curtimento mais eficiente e relativamente barato, tendo reduzido sensivelmente o tempo de curtimento do couro e possibilitado características anteriormente inatingíveis, como a tolerância ao calor, sem as quais não seria possível trabalhar o couro através de meios mecânicos. Contudo, o produto químico tem sido considerado um dos vilões da produção de couro por seus efeitos danosos sobre o ambiente.

couro a concentração da produção e do consumo em algumas regiões e países, acompanhada de deslocamento da produção e do consumo de países desenvolvidos (da Europa e dos EUA) para países em desenvolvimento (do Extremo Oriente e da América Latina). Esta concentração da produção mundial de couro está fortemente correlacionada à concentração dos rebanhos, principalmente bovinos, em alguns países, com destaque para a Ásia e América Latina (Tabela 1). O mundo em desenvolvimento concentra grande parte do rebanho bovino mundial, o que certamente tem contribuído para sua significativa e crescente participação na produção mundial de couro.

Em termos de distribuição da produção mundial de couro, a previsão para o ano 2010 era de que as principais regiões produtoras de couro bovino estariam no mundo em desenvolvimento – Extremo Oriente (1,5 milhões de toneladas) e América Latina (1,4 milhões de toneladas) – enquanto as regiões desenvolvidas ficariam em segundo plano – América do Norte (995 mil toneladas) e Europa (903 mil toneladas) (Tabela 2). Os países asiáticos têm se destacado na produção mundial de couro bovino desde a década de 1990, apresentando taxas de crescimento superiores a das demais regiões. Eles têm se transformado em importantes produtores de couro, aproveitando vantagens relacionadas ao reduzido custo da mão de obra, bem como às economias de escala no nível da planta e das firmas, gerando capacidade de atendimento a grandes lotes de pedidos a custos baixos. Os países asiáticos têm comprado couro em estágio *wet blue* de importantes países produtores, como o Brasil, para

realizar o curtimento em suas fábricas locais, destinando seu couro acabado para a fabricação dos mais variados produtos de couro, que se tornam, assim, mais baratos e competitivos no mercado internacional. A América Latina também tem se mantido como importante região produtora de couro bovino, com destaque para o Brasil, cujo valor bruto da produção de couro atingiu R\$ 5,9 bilhões em 2008 (PIA/IBGE).

Segundo documento da FAO (2004), o crescimento baixo ou negativo da produção de couro bovino de países desenvolvidos na segunda metade dos anos 2000 tenderia a ser compensado pelo crescimento mais acelerado em países em desenvolvimento, nos quais haveria uma expansão do rebanho bovino com objetivo de satisfazer à demanda interna de carne. O documento defendia que a tendência de crescimento da produção de couro bovino nos países em desenvolvimento deveria levá-los a atingir 56% da produção mundial em 2010. Esta tendência seria determinada pelo crescimento do consumo de carne por habitante, assim como pela maior eficiência das técnicas de extração e preservação de couros.

A distribuição da produção mundial de couro entre países confirma a importância crescente dos asiáticos e latino-americanos ao longo da década de 2000. A China tem se mantido na liderança da produção mundial de couro com participação crescente desde a década de 1990. Seu peso era de 17,7%, em 1998 (FAO, 2008), passando para 21,5% em 2002 e 29,1% em 2006 (Tabela 3). Por sua vez, a Itália tem se mantido na segunda colocação da lista dos 10 maiores produtores mundiais de couro desde a década de

Tabela 1 - Distribuição Mundial de Rebanho Bovino
(2003-2007) (em milhões de cabeças)

	2003	2004	2005	2006 ⁽¹⁾	2007 ⁽²⁾
Mundo	1.521,1	1.535,3	1.549,7	1.567,1	1.584,8
Índia	284,0	283,2	283,0	282,8	282,5
Brasil	196,7	205,6	208,1	213,3	221,0
China	131,0	134,8	138,0	141,7	145,5
Estados Unidos	96,1	94,9	95,8	97,5	98,8
União Européia (15 países)	89,4	88,3	87,6	86,1	86,8
Argentina	50,9	50,8	50,8	50,8	51,4
Em desenvolvimento	1.218,1	1.230,8	1.252,1	1.268,6	1.285,4
Desenvolvido	303,1	299,5	297,5	298,5	299,5

(1) Estimativa. (2) Previsão.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da FAO (2007).

Tabela 2 - Principais Regiões Produtoras de Couro Bovino: produção efetiva e prevista

	Produção Efetiva (mil toneladas)		Produção Prevista (mil toneladas)	Taxas de Variação Anual (%)	
	Média 1988-1990	Média 1998-2000	2010	1988-1990 a 1998-2000	1998-2000 a 2010
Mundo	5 304	5 721	6 214	0,8	0,8
Em desenvolvimento	2 200	2 971	3 454	3,1	1,5
América Latina	1 090	1 267	1 439	1,5	1,3
Extremo Oriente	732	1 270	1 523	5,7	1,8
Oriente Médio	161	189	200	1,7	0,5
África	217	245	293	1,2	1,8
Desenvolvido	3 105	2 749	2 760	(1,2)	0,0
América do Norte	990	1 022	995	0,3	(0,3)
Europa	1 009	839	903	(1,8)	0,7
Ex-URSS	810	564	550	(3,6)	(0,3)
Oceania	198	229	217	1,5	(0,5)
Outros	98	94	95	(0,4)	0,1

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da FAO (2004).

1990, mas com participação decrescente: 10,7% em 1998 (FAO, 2008), 9,6% em 2002, e 9,5% em 2006. Índia e Coreia do Sul também têm se destacado na produção de couro bovino na região asiática, com participação de, respectivamente, 7,7% e 6,4% em 2006. A peculiaridade da Índia se encontra em sua forte presença como produtora de carne e de couro bovino para consumo exclusivamente interno, pois sua exportação é proibida pelo governo federal, considerando que a vaca é um animal sagrado para a população religiosa indiana. O destaque da Índia na exportação mundial de couro (como será apontado adiante) deve-se à sua elevada produção e exportação de carne e de couro de búfalos (Valor Econômico, 29-09-2010). Os países latino-americanos, liderados pelo Brasil, incluindo Argentina e México, têm aumentado sua participação conjunta na produção mundial. O Brasil tem se destacado com participação crescente de 3,7% em 1998, de 4,1% em 2002, e de 7,3% em 2006, quando passou para a 4ª posição do ranking, superando tradicionais produtores mundiais como a Coreia do Sul e a ex-URSS.

Considerando a distribuição do consumo mundial, a previsão para o ano 2010 era de que as principais regiões consumidoras de couro bovino também estariam no mundo em desenvolvimento – com liderança incontestada do Extremo Oriente (2,6 milhões de toneladas) e participação muito mais tímida da América Latina (798 mil toneladas)

– enquanto as regiões desenvolvidas perderiam participação no consumo mundial: Europa (950 mil toneladas) e América do Norte (677 mil toneladas) (Tabela 4). Os países asiáticos também têm se destacado no consumo mundial de couro bovino desde a década de 1990 – a previsão era de que o Extremo Oriente atingiria um nível de consumo (em termos de volume) mais elevado do que todo o mundo desenvolvido. O consumo elevado da região asiática justifica sua posição de relevante importadora de couro, considerando que sua produção, apesar de muito elevada, tem se mantido em patamar consideravelmente inferior ao alcançado por seu consumo de couro. A situação contrária pode ser observada no caso da América Latina, onde a produção tem superado de forma significativa o nível de consumo atingido pela região, contribuindo para seu papel de grande exportadora mundial de couro.

Segundo a FAO (2004), o consumo de produtos de couro bovino tenderia a aumentar nos países em desenvolvimento a uma média de 1,1% ao ano ao longo da segunda metade dos anos 2000, o que significaria uma diminuição do consumo em relação ao decênio anterior, que havia se caracterizado por uma forte tendência de alta do consumo no Extremo Oriente, especialmente na China, onde a demanda havia sido estimulada pelo aumento da renda, da capacidade produtiva dos curtumes e da eficiência na produção de calçados. Na China, previa-se uma desaceleração do

Tabela 3 - Principais Países Produtores de Couro Bovino
(2002 e 2006)

Ranking ⁽¹⁾	2002		2006	
	(milhões de m ²)	(%)	(milhões de m ²)	(%)
1. China	420,4	21,5	613,1	29,1
2. Itália	187,0	9,6	199,5	9,5
3. Índia	135,7	6,9	161,5	7,7
4. Brasil	80,2	4,1	153,0	7,3
5. Coreia do Sul	129,5	6,6	134,4	6,4
6. Ex-URSS	126,5	6,5	113,8	5,4
7. Argentina	43,5	2,2	66,2	3,1
8. México	70,3	3,6	55,0	2,6
9. Turquia	46,7	2,4	50,9	2,4
10. Estados Unidos	73,0	3,7	44,3	2,1
Total – 10 maiores	1.312,8	67,0	1.591,6	75,5
Total – 30 maiores	1.645,1	84,0	1.933,2	91,7
Total – mundo	1.958,2	100,0	2.109,0	100,0

(1) Ranking de 2006.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados estatísticos do ICT – fonte original: FAO (2008).

consumo de produtos de couro porque as possibilidades de aprimoramento da eficiência produtiva poderiam ter se esgotado e a propensão a consumir produtos de couro provavelmente estaria se reduzindo. O documento apresentava uma previsão de crescimento do consumo de couros e peles em países africanos, devido ao aumento da renda, enquanto a previsão era de ligeira contração do consumo em países latino-americanos.

No que se refere aos produtos que utilizam o couro como matéria-prima, dados da FAO mostravam que os calçados continuavam sendo o principal produto de couro consumido no mundo, apesar da tendência de aumento da participação dos demais produtos de couro na totalidade do consumo, especialmente em países desenvolvidos. Mais de 50% dos couros bovinos e aproximadamente 40% das peles de ovinos e caprinos eram utilizados para a fabricação de calçados, enquanto o restante era utilizado na produção de peças de vestuário, de móveis e de material de acabamento para a indústria automotiva (FAO, 2004). Estimativas do International Council of Tanners (ICT) também reforçam a importância dos calçados de couro como principal produto fabricado a partir da matéria-prima. Os dados da instituição para 2007 mostravam que 52% da produção mundial de couro destinavam-se à fabricação de calçados de couro, 14% voltavam-se à produção de móveis, 10% ao uso em automó-

veis e 10% à confecção de roupas.

Enquanto o consumo dos produtos de couro depende da renda e das preferências pelos atributos do couro por parte dos consumidores, a produção da matéria-prima depende de fatores relacionados ao mercado de carne, que são externos àqueles observados no mercado de couro e de produtos derivados. Segundo a FAO (2004), tais diferenças nos incentivos econômicos presentes nas cadeias produtivas das quais o couro participa são frequentemente responsáveis pelas variações de seu preço. O documento atentava para a possibilidade do preço do couro se fortalecer na segunda metade dos anos 2000 para ajustar o consumo à produção, considerando, por um lado, a perspectiva de crescimento da renda do consumidor e de estímulo à demanda por calçados e outros produtos de couro, e, por outro lado, a perspectiva de lento crescimento da oferta de couro. De fato, o preço do couro vivenciou aumento no período 2005-2007 (FAO, 2007), que prosseguiu no período anterior à eclosão da crise financeira mundial, mas passou a sofrer quedas localizadas no período pós-crise, (2009), voltando a se recuperar em 2010 (ponto analisado adiante, com base nos preços médios de exportação de couro brasileiro).

A concentração geográfica de empresas dentro dos países produtores também pode ser considerada uma característica da indústria mundial

Tabela 4 - Principais Regiões Consumidoras de Couro
Bovino: consumo efetivo e previsto

	Consumo Efetivo (mil toneladas)		Consumo Previsto (mil toneladas)	Taxas de Variação Anual (%)	
	Média 1988-1990	Média 1998-2000	2010	1988-1990 a 1998-2000	1998-2000 a 2010
Mundo	5 303	5 721	6 214	0,8	0,8
Em desenvolvimento	1 784	3 432	3 840	6,8	1,1
América Latina	623	811	798	2,7	(0,2)
Extremo Oriente	786	2 213	2 589	10,9	1,6
Oriente Médio	192	199	209	0,3	0,5
África	182	209	244	1,4	1,5
Desenvolvido	3 519	2 289	2 373	(4,2)	0,4
América do Norte	679	788	677	1,5	(1,5)
Europa	1 736	884	950	(6,5)	0,7
Ex-URSS	825	337	468	(8,6)	3,3
Oceania	63	91	90	3,7	(0,1)
Outros	215	189	189	(1,3)	0,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da FAO (2004).

de couro. No Brasil, por exemplo, a indústria de couro se concentra em algumas regiões (Sul e Sudeste), principalmente nos Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná e Minas Gerais, onde frequentemente faz parte de polos coureiro-calçadistas. Nesses polos nota-se a concentração geográfica tanto de curtumes quanto de empresas fabricantes de calçados de couro, que se beneficiam da proximidade dos fornecedores de sua principal matéria-prima. Essas concentrações espaciais são geralmente formadas por

um grupo de pequenas empresas que se apropriam de um conjunto de benefícios gerados pela própria aglomeração de empresas e pelas recorrentes interações existentes entre elas. A concentração em sistemas locais de produção configura-se, assim, como um elemento fundamental para a competitividade das empresas de menor porte, que aproveitam as externalidades positivas locais.

O Quadro 1 resume algumas características da indústria mundial de couro.

Quadro 1 – Características da Indústria Mundial de Couro

• Natureza heterogênea do produto final: couro salgado, <i>wet blue</i> , <i>crust</i> e acabado;
• Simplicidade do processo de produção: tecnologia madura e uso intensivo de mão de obra pouco qualificada;
• Estrutura industrial heterogênea: coexistência de muitos pequenos e médios curtumes (atuação local) com reduzido número de grandes curtumes (papel exportador relevante), incluindo a crescente presença de grandes frigoríficos integrados verticalmente;
• Concentração da produção e do consumo mundial em um número reduzido de regiões, acompanhada de deslocamento da produção e do consumo para países em desenvolvimento, com destaque para a participação de países asiáticos e latino-americanos;
• Concentração geográfica da produção dentro dos distintos países produtores: formação e desenvolvimento de polos coureiro-calçadistas.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP.

2. TENDÊNCIAS DO COMÉRCIO MUNDIAL DE COURO

A análise dos dados do comércio mundial de couro³ na década de 2000 permite verificar o aumento dos valores negociados, com exceção do último ano disponível (2009). O valor negociado se elevou de aproximadamente US\$ 15,2 bilhões, em 2000, para US\$ 19,8 bilhões em 2004, e US\$ 21,3 bilhões em 2008 (Comtrade). No entanto, dados preliminares apontam queda dos valores negociados de couro para US\$ 14,5 bilhões em 2009⁴, voltando a um patamar similar ao atingido no início da década. Mesmo considerando o fato dos dados de 2009 serem preliminares e provavelmente subestimados, entende-se o comportamento descendente do comércio mundial de couro nesse ano como um reflexo dos efeitos deletérios da crise econômica que se abateu sobre o mundo a partir do final de 2008. Uma avaliação mais precisa do comportamento do comércio mundial de couro deve esperar a divulgação de dados definitivos para o biênio 2009-2010.

O principal tipo de couro bovino comercializado entre países tem sido o couro acabado, com participação crescente no valor das exportações mundiais ao longo da década de 2000: 39,8% em 2002, 43,8 em 2004 e 44,1% em 2008 (Tabela 5). Considerando seu superior valor agregado,

registra-se que seu preço médio tem se mantido mais elevado na comparação com o preço dos demais tipos de couro, atingindo US\$ 19/Kg em 2008. Por sua vez, o couro salgado tem ocupado a segunda colocação na participação sobre o valor negociado no mundo, embora com comportamento descendente, passando de 19% em 2002 para 15% em 2008. Por ser um couro bruto, seu preço médio se mantém bastante reduzido: US\$ 2/Kg em 2008. Os couros *wet blue* e *crust* têm mantido uma participação conjunta em torno de 18% dos valores negociados mundialmente, com preços médios também crescentes ao longo da década de 2000.

A concentração da exportação a partir de um número reduzido de países pode ser destacada como uma tendência do comércio mundial de couro. Os 8 maiores países exportadores foram responsáveis por 60,8% dos valores negociados em 2008 e por 65,1% em 2009 (Tabela 6). No último ano disponível, os principais exportadores de couro (em termos de valor exportado) foram: Itália (25,1%); Hong Kong (11,3%); Brasil (8,0%) e Coreia do Sul (4,7%). A Itália manteve sua liderança ao longo da década de 2000, principalmente na exportação de couro acabado (*Jornal Exclusivo*, 25/01/2010). Os países asiáticos (como Hong Kong e Coreia do Sul) também se destacaram na exportação de couro, apesar de terem perdido participação conjunta ao longo da década. Em 2008, eles atingiram em conjunto (considerando a China), uma participação de 16% do valor negociado de couro no mundo, ante os quase 26% alcançados em 2004. A China, que aparecia em terceiro lugar da lista de maiores exportadores de couro em 2004, acabou atingindo a 14ª posição (com apenas 1,9%) em 2008 (Comtrade). A Coreia do Sul conseguiu, todavia, ultrapassar os Estados Unidos e atingir a 4ª colocação no ranking. Os Estados Unidos mantiveram participação relevante nas exportações mundiais de couro, liderando em couros salgados (*Jornal Exclusivo*, 25/01/2010),

3 Para o cálculo do comércio mundial de couro foram considerados os produtos do Sistema Harmonizado (SH) do capítulo 41 (SH 4104 a 4107 e SH 4112 a 4115), excluindo os couros e peles em bruto (SH 4101 a 4103).

4 Para o ano 2009, os dados de comércio mundial de couro são preliminares e se encontram subestimados por conta da ausência de informações de alguns países, como Espanha e Vietnã, que não haviam disponibilizado seus dados referentes ao ano citado para a base UN Comtrade até o fechamento deste relatório. Isto certamente subestimou os valores negociados no mundo e afetou as posições relativas dos principais países exportadores e importadores do produto, considerando a histórica participação elevada dos dois países citados nas importações mundiais de couro. No entanto, a base de dados UN Comtrade já contemplava, para o ano 2009, 92,5% dos países nela geralmente incluídos.

Tabela 5 - Evolução do Preço Médio e da Participação dos Tipos de Couro Bovino⁽¹⁾ no Valor das Exportações Mundiais (2002, 2004 e 2008)

Tipos de couro	2002		2004		2008	
	Preço Médio (US\$/Kg)	Participação no valor ⁽²⁾ (%)	Preço Médio (US\$/Kg)	Participação no valor ⁽²⁾ (%)	Preço Médio (US\$/Kg)	Participação no valor ⁽²⁾ (%)
Salgado	1,72	19,0	1,65	16,1	2,00	15,3
Wet Blue	2,75	8,0	2,70	9,0	3,37	9,2
Crust	9,70	10,9	12,08	9,0	15,63	7,6
Acabado	16,16	39,8	16,81	43,8	19,01	44,1

(1) Para o cálculo de participação dos tipos de couro bovino foram considerados os totais do capítulo 41 do Sistema Harmonizado (SH 41). A classificação dos tipos de couro foi realizada com base na subdivisão mais detalhada dos dados Comtrade que utilizam o SH com códigos a 6 dígitos. (2) O total da participação percentual no valor das exportações mundiais não corresponde a 100%, pois não foram incluídas as participações dos couros não-bovinos e daqueles que não puderam ser classificados nas categorias listadas com base no SH a 6 dígitos.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados Comtrade.

mas passaram da 4ª posição, em 2008, para a 7ª posição, em 2009. Cumpre lembrar que a participação da Índia na lista dos exportadores de couro baseia-se em sua produção e exportação de couro de búfalo, já que sua produção de couro bovino não pode ser exportada.

Cumpre destacar a expressiva participação do Brasil no comércio mundial de couro, que passou de 6,5% em 2004, para 8,8% em 2008,

e 8,0% em 2009, colocando o país no terceiro lugar da lista dos maiores exportadores mundiais no biênio 2008-2009. Considerando a posição da Argentina nos valores exportados de couro bovino no plano mundial e a reduzida relevância das importações brasileiras e argentinas (como analisado em seguida), entende-se a importância da América Latina como grande exportadora líquida de couro bovino.

Tabela 6 - Principais Países Exportadores de Couro⁽¹⁾ (2004, 2008 e 2009)

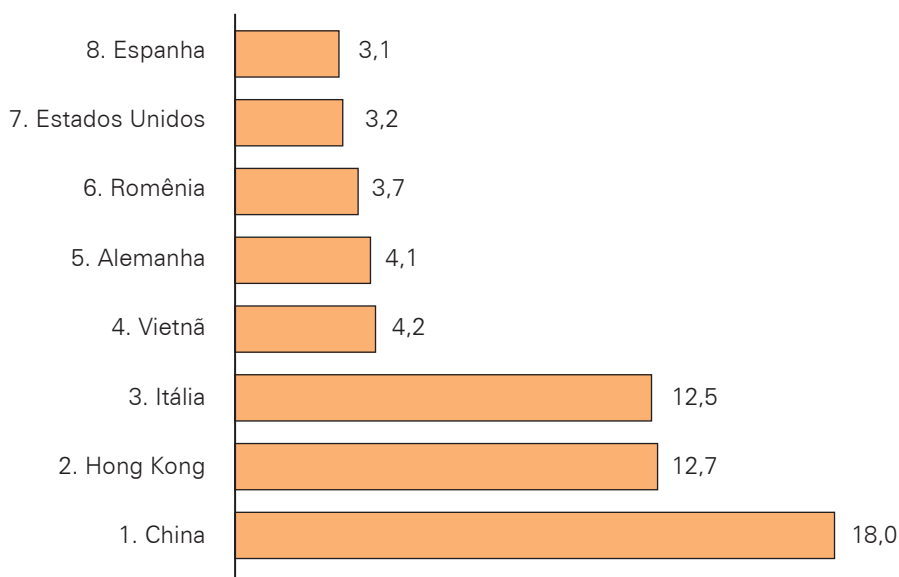
2004			2008			2009 ⁽²⁾		
Ranking	(US\$ milhões)	(%)	Ranking	(US\$ milhões)	(%)	Ranking	(US\$ milhões)	(%)
1. Itália	4.224,9	21,3	1. Itália	4.657,7	21,8	1. Itália	3.641,26	25,1
2. Hong Kong	2.740,7	13,8	2. Hong Kong	2.101,9	9,9	2. Hong Kong	1.636,67	11,3
3. China	1.399,8	7,1	3. Brasil	1.877,7	8,8	3. Brasil	1.159,05	8,0
4. Brasil	1.290,8	6,5	4. EUA	911,3	4,3	4. Coreia do Sul	683,47	4,7
5. EUA	1.193,6	6,0	5. Argentina	894,5	4,2	5. Argentina	651,85	4,5
6. Coreia do Sul	987,5	5,0	6. Alemanha	892,6	4,2	6. Alemanha	587,94	4,0
7. Alemanha	816,8	4,1	7. Coreia do Sul	849,6	4,0	7. EUA	563,58	3,9
8. Argentina	812,5	4,1	8. Índia	790,0	3,7	8. Índia	543,96	3,7
Total (8 maiores)	13.466,5	67,9	Total (8 maiores)	12.975,2	60,8	Total (8 maiores)	9.467,78	65,1
Total	19.826,9	100,0	Total	21.325,9	100,0	Total	14.535,46	100,0

(1) Foram considerados produtos selecionados do Sistema Harmonizado (SH) do capítulo 41 (SH 4104 a 4107 e SH 4112 a 4115), excluindo os couros e peles em bruto (SH 4101 a 4103).

(2) Dados preliminares e subestimados, que incluem 92,5% dos países considerados na base de dados utilizada.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados Comtrade.

Gráfico 1 - Participação dos Principais Países Importadores de Couro⁽¹⁾ (em % sobre valor importado) (2008)



(1) Foram considerados os produtos selecionados do Sistema Harmonizado (SH) do capítulo 41 (SH 4104 a 4107 e SH 4112 a 4115), excluindo os couros e peles em bruto (SH 4101 a 4103).

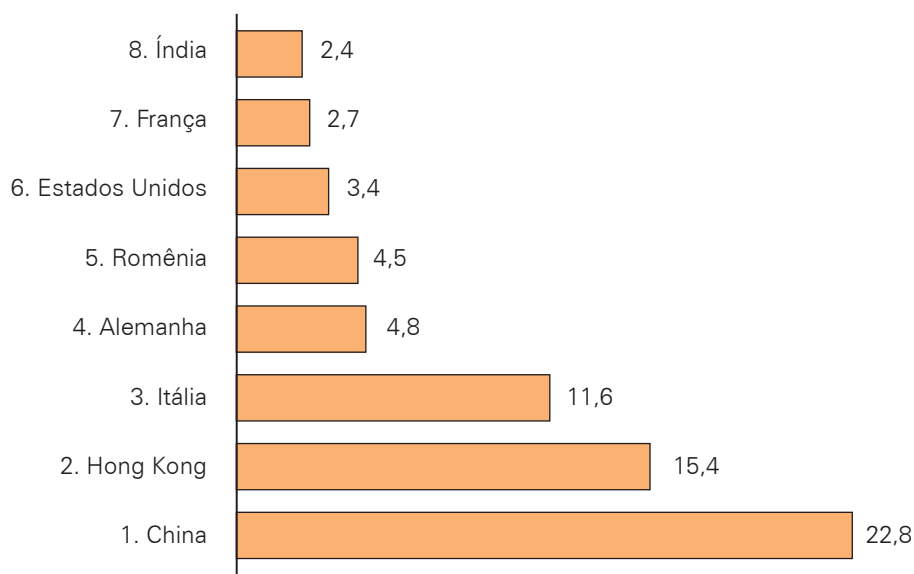
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados Comtrade.

Um grupo pequeno de países também concentra a importação de couro, quase todos eles grandes exportadores de calçados que utilizam o couro como importante matéria-prima. Em 2008 e 2009, os principais países importadores de couro (em termos de valor importado) foram: China; Hong Kong e Itália (Gráficos 1 e 2). Os países asiáticos (China e Hong Kong) lideram as importações mundiais de couro, o que está de acordo com sua relevante participação conjunta nas exportações mundiais de calçados. Considerando sua capacidade de produção de couro e calçados, as importações asiáticas se concentram em couro bruto para sua elaboração e reexportação para outros países em desenvolvimento (FAO, 2004). Vietnã, um importante exportador de calçados, também apresentou participação relevante na importação

de couro em 2008 (4,2%), estando excluído da lista de 2009 por não ter ainda enviado dados para a base utilizada. Os países europeus ocidentais ainda estão representados pela Alemanha e Espanha, igualmente grandes exportadores de calçados. Cabe lembrar que o Brasil não figura na lista dos principais importadores de couro, apesar de ser um importante exportador de calçados de couro. A peculiaridade do caso brasileiro está exatamente em sua posição de destaque mundial na produção e exportação tanto de couro quanto de calçados de couro, não mantendo participação relevante nas importações de sua principal matéria-prima (como é o caso da China).

O Quadro 2 resume algumas tendências do comércio mundial de couro observadas na década de 2000.

Gráfico 2 - Participação dos Principais Países Importadores de Couro⁽¹⁾ (em % sobre valor importado) (2009)⁽²⁾



(1) Foram considerados os produtos selecionados do Sistema Harmonizado (SH) do capítulo 41 (SH 4104 a 4107 e SH 4112 a 4115), excluindo os couros e peles em bruto (SH 4101 a 4103).

(2) Dados preliminares e subestimados, pois não incluem Vietnã e Espanha.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados Comtrade.

Quadro 2 – Tendências do Comércio Mundial de Couro (Década 2000)

• Elevação dos valores negociados anualmente (exceção: 2009);
• Predomínio do couro acabado nos valores negociados anualmente (com participação crescente e preços médios superiores);
• Concentração das exportações a partir de um grupo reduzido de países: forte presença de países europeus, especialmente da Itália, de países asiáticos (Hong Kong e Coreia do Sul) e de países latino-americanos (Brasil e Argentina);
• Concentração das importações mundiais de couro pelos países asiáticos e europeus;
• América Latina: principal exportadora líquida de couro bovino;
• Destaque do Brasil no comércio mundial de couro: 3ª posição no ranking dos maiores exportadores (2008 e 2009).

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP.

3. CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DE DESEMPENHO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE COURO

3.1 – Estrutura e concentração

A indústria brasileira de couro reproduz internamente uma das características observadas no plano internacional: a natureza heterogênea de sua estrutura. A predominância quantitativa de curtumes de pequeno e médio porte convive com a concentração de parcela relevante da produção e do emprego em um conjunto reduzido de grandes curtumes, e, de forma cada vez mais importante, em alguns frigoríficos verticalmente integrados. Cabe destacar a existência de pequenos curtumes artesanais, sem registro formal, que contribuem com grande parte dos empregos informais da indústria brasileira de couro. A dificuldade de quantificação dos curtumes informais não permite uma avaliação mais acurada de sua verdadeira situação e participação na indústria analisada.

Considerando os dados do Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS)⁵ do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), verifica-se uma certa estabilidade do número de estabelecimentos incluídos na indústria brasileira de couro ao longo da década de 2000. Entretanto, observa-se uma tendência de redução recente em 2009: 741 empresas em 2000, 733 em 2008, e 702 em 2009 (Tabela 7). A predominância quantitativa das pequenas empresas na indústria brasileira de couro fica evidente quando se observa a distribuição percentual das empresas por número de empregados ao longo da década de 2000: o número de

5 O RAIS/MTE considera todas as empresas que se autodeclararam em determinado setor. Alguns dados fornecidos pelo RAIS contrastam com aqueles fornecidos pela PIA/IBGE, que considera todos os estabelecimentos com mais de quatro funcionários e os classifica segundo a origem principal do faturamento. Existem certamente divergências metodológicas entre as duas bases de dados que devem ser destacadas quando utilizadas em conjunto.

Tabela 7 - Número de Empresas e de Empregados na Indústria Brasileira de Couro (2000, 2004, 2008 e 2009)

Indústria de Couro	2000	2004	2008	2009
Empresas⁽¹⁾	741	747	733	702
Até 49 empregados	78,0%	74,8%	75,4%	75,1%
De 50 a 249	18,8%	20,1%	19,9%	19,9%
mais de 250	3,2%	5,1%	4,6%	5,0%
Emprego	31.191	43.733	38.424	37.189
Até 49 empregados	20,7%	14,2%	14,0%	13,9%
De 50 a 249	47,5%	38,9%	40,0%	40,7%
Mais de 250	31,7%	46,9%	46,0%	45,4%

(1) Exclui-se as com nenhum vínculo ativo.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da RAIS/MTE.

estabelecimentos com até 49 funcionários representava 78% do total, em 2000, e 75% em 2009.

Outra característica da indústria brasileira de couro pode ser destacada: a concentração do emprego e da produção em um número reduzido de grandes empresas. Os estabelecimentos com mais de 250 empregados passaram a concentrar o emprego ao longo da década: eram responsáveis por 31,7% do emprego total em 2000, passando a 46,0%, em 2008, e a 45,4% em 2009 (Tabela 7). Os dados mais recentes de concentração econômica mostram que, apesar de uma ligeira queda da concentração do emprego nas doze maiores empresas do setor de couro, elas ainda responderam por 31,6% do pessoal ocupado em 2008, enquanto as quatro maiores incluíram 15,6% do pessoal ocupado (Tabela 8).

Neste contexto, cumpre ressaltar a tendência de intensificação do processo de concentração da produção e do emprego relacionado ao movimento de consolidação e de verticalização da indústria frigorífica, que passou a controlar a atividade de produção e comercialização do couro ameaçando a posição dos pequenos e médios curtumes. Os maiores frigoríficos brasileiros realizaram importantes aquisições e investimentos recentes na produção de couro. Um deles, o JBS-Friboi, criou uma empresa para comercializar couro (JBS Couros) e realizou parceria com a BMZ Couros, um dos maiores curtumes brasileiros, para o processamento de couro que resulta do abate de bovinos (*Valor Econômico*, 28/08/2009). Posteriormente, incorporou o Grupo Bertin (2009), com elevada capacidade de processamento de peles, e passou a ocupar a liderança brasileira em couro (*Valor Econômico*, 06/11/2009). Por sua vez, o Marfrig incorporou o Grupo Zenda, com sede no Uruguai (2009), que atua na produção e comercialização de couros acabados a partir de várias unidades produtivas espalhadas pela América Latina, EUA, Áfri-

ca, Ásia e Europa (*Valor Econômico*, 23/09/2009). Segundo afirma documento do BNDES (2007), com base em dados da Associação das Indústrias de Curtume do Rio Grande do Sul (Aicsul) e do Conselho Nacional da Pecuária de Corte (CNPIC), os frigoríficos tornaram-se responsáveis por 60% da produção brasileira de couro, o que lhes confere um enorme peso e poder na indústria brasileira de couro.

Portanto, os dados revelam, por um lado, a atomização da estrutura da indústria brasileira de couro, marcada pela predominância quantitativa dos pequenos curtumes, e, por outro lado, um expressivo grau de concentração em termos de pessoal ocupado. A atomização pode ser considerada uma debilidade da indústria de couro brasileira, haja vista as dificuldades que as pequenas e médias empresas apresentam no que se refere às atividades produtivas e inovativas, como a elevação da escala de produção e a modernização e racionalização de processos produtivos. Por sua vez, o processo de integração vertical da indústria frigorífica tem contribuído de forma inegável para a intensificação da concentração da produção de couro nas mãos de grandes frigoríficos, com efeitos importantes sobre o setor analisado.

Outra característica da indústria brasileira de couro é a concentração geográfica da produção, que conta com a formação e o desenvolvimento de polos coureiro-calçadistas, os quais tendem a fortalecer o posicionamento das empresas geograficamente aglomeradas, especialmente das pequenas e médias empresas. Verifica-se a concentração de uma maior quantidade de empresas de menor porte médio, que mantêm salários médios superiores, nas regiões Sul e Sudeste, e de uma menor quantidade de empresas de maior porte médio na região Nordeste e Centro-Oeste (Tabela 9). Os frigoríficos parecem ter contribuído para tal deslocamento da produção de couro

Tabela 8 - Indústria Brasileira de Couro: grau de concentração econômica (2005 e 2008) (%)

Concentração	2005	2008
CR4	19,0	15,6
CR8	28,1	25,4
CR12	34,2	31,6

Nota: CR4: concentração a partir do Pessoal Ocupado (PO) das 4 maiores empresas; CR8: concentração do PO nas 8 maiores empresas; CR12: concentração do PO nas 12 maiores empresas.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados do Cadastro Central de Empresas (CCE)/IBGE.

Tabela 9 - Indústria Brasileira de Couro: distribuição das empresas, do emprego e do salário médio por região (2009)

Região	Empresas ⁽¹⁾ (Número e %)		Porte Médio (empregados/empresa)	Emprego (%)	Salário Médio (R\$)
Norte	25	4	73,2	5	R\$ 847,48
Nordeste	90	13	53,8	13	R\$ 889,25
Sudeste	243	35	39,4	26	R\$ 954,14
Sul	281	40	59,1	45	R\$ 1.053,76
Centro-Oeste	63	9	68,7	12	R\$ 919,99
Total	702	100	48,1	100	R\$ 980,97

(1) Excluídas as com nenhum vínculo ativo.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da RAIS/MTE.

para o Centro-Oeste, “seguindo o caminho dos grandes rebanhos bovinos, verticalizando suas atividades e ocupando cada vez mais o espaço na industrialização do couro” (BNDES, 2007).

O Quadro 3 resume algumas características da estrutura da indústria brasileira de couro observadas na década de 2000:

Quadro 3 – Características da Estrutura da Indústria Brasileira de Couro (Década 2000)

- **estrutura heterogênea (atomização e concentração):**
coexistência de um elevado número de pequenos e médios curtumes com um grupo reduzido de grandes curtumes e grandes frigoríficos verticalmente integrados, que respondem por parcela relevante da produção e do emprego;
- **intensificação da concentração:**
relacionada ao movimento de consolidação e de verticalização da indústria frigorífica;
- **concentração geográfica da produção:**
formação e desenvolvimento de polos coureiro-calçadistas e concentração de uma maior quantidade de empresas de menor porte médio nas regiões Sul e Sudeste e de uma menor quantidade de empresas de maior porte médio na região Nordeste.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP.

3.2 – Consumo, Produção e Investimento

3.2.1 – Consumo

Uma das características da indústria brasileira de couro é a concentração do consumo intermediário de sua produção no setor de calçados e artefatos de couro⁶. O consumo brasileiro de couro pode ser dividido em consumo intermediário e final, que inclui exportações e consumo in-

terno. O consumo intermediário absorveu 48,2% da produção de couro e artefatos, sendo 44,6% consumidos por calçados e artefatos de couro, enquanto 51,8% foram destinados ao consumo final em 2008 (Tabela 10).

O consumo final passou a absorver uma maior parcela da produção de couro e artefatos ao longo da década de 2000, superando o consumo intermediário. O peso do consumo interno no consumo final e na demanda total (soma do consumo intermediário e final) aumentou de 2000 para 2008. A participação do consumo interno na demanda total atingiu 26,5% em 2008, enquanto a das exportações sofreu redução para 23,4% no

⁶ Os dados ora analisados, que corroboram a afirmação, foram compilados com base na Tabela de Recursos e Usos (TRU) da Matriz Insumo-Produto do IBGE para os anos 2000, 2005 e 2008. Cabe ressaltar, contudo, que estimativas do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB) apontam para outra direção, destacando o conjunto das indústrias automobilística e moveleira como o principal destino (consumo intermediário) do couro (BNDES, 2007).

**Tabela 10 - Evolução do Destino da Produção de Couro⁽¹⁾:
consumo intermediário e final (2000, 2005 e 2008)**

	2000		2005		2008	
	R\$ milhões ⁽²⁾	Part. na dem. total (%)	R\$ milhões ⁽²⁾	Part. na dem. total (%)	R\$ milhões ⁽²⁾	Part. na dem. total (%)
Consumo Intermediário	3.003	51,6	5.533	49,5	6.073	48,2
Calçados e artefatos de couro	2.825	48,5	5.219	46,7	5.621	44,6
Automóveis, camionetas e utilitários	46	0,8	71	0,6	134	1,1
Artigos de vestuário e acessórios	40	0,7	87	0,8	103	0,8
Outros	92	1,6	156	1,4	215	1,7
Consumo final	2.819	48,4	5.646	50,5	6.531	51,8
Exportações	1.473	25,3	3.103	27,8	2.952	23,4
Consumo interno (famílias)	1.196	20,5	2.084	18,6	3.342	26,5
Variação de estoque	150	2,6	459	4,1	237	1,9
Demanda Total (consumo intermediário + final)	5.822	100,0	11.179	100,0	12.604	100,0

(1) O produto couro apresentado na matriz insumo-produto inclui os artefatos de couro (código 030501).

(2) Valores correntes.

Fonte: Matriz Insumo-Produto Brasil: Tabela de Recursos e Usos (TRU)/IBGE.

mesmo ano. O consumo interno de couro e artefatos corresponde ao consumo das famílias, provavelmente incluindo tanto a demanda final de artefatos de couro quanto o consumo de couro para utilização em produção familiar com caráter artesanal e informal.

Por sua vez, a importância do consumo intermediário como destino da produção brasileira de couro tem se reduzido ao longo da década de 2000. Os calçados e artefatos de couro continuam sendo responsáveis por parcela significativa do consumo intermediário e da demanda total. Considerando sua participação sobre o total do consumo intermediário, nota-se que os calçados e artefatos absorveram 92,6% do valor da produção total de couro no último ano analisado, deixando os automóveis e os artigos de vestuário em posições muito distantes, respectivamente 2,2% e 1,7% (TRU/IBGE). Sua participação na demanda total foi de 44,6% em 2008 (Tabela 10). Pode-se observar que os calçados e artefatos de couro têm perdido participação no consumo intermediário e na demanda total, mas individualmente ainda mantêm a liderança dos destinos do couro. Em outras palavras, os calçados e artefatos de couro ainda são indubitavelmente os principais destinos intermediários do couro brasileiro, seguindo o comportamento também observado no plano mundial.

3.2.2 – Produção, Valor Agregado e Produtividade

O Brasil mantém uma participação relevante na produção mundial de couro, atingindo o 4º lugar na lista dos principais países produtores de couro bovino em 2006 (Tabela 3). No entanto, a indústria brasileira de couro pode ser caracterizada por sua relativamente reduzida capacidade de agregação de valor sobre sua produção e sua pequena participação na produção e no valor agregado pela indústria de transformação brasileira. Isto pode ser observado pela análise do desempenho do setor em termos do Valor Bruto da Produção (VBP), do Custo das Operações Industriais (COI), do Valor da Transformação Industrial (VTI), uma aproximação do valor adicionado/agregado, bem como da participação do valor agregado pelo setor em sua produção (VTI/VBP) e da participação das diversas variáveis citadas no conjunto da indústria de transformação brasileira.

De acordo com dados divulgados pela PIA do IBGE, houve crescimento do VBP, do COI e do VTI da indústria de couro entre 1996 e 2007. Contudo, o valor agregado pelo setor de couro tem se mantido baixo com relação ao valor de sua produção, além de ambos sofrerem redução de sua participação nos totais registrados pela indústria de transformação brasileira no mesmo período. Os dados revelam que o VBP da indústria de couro foi de R\$ 3,9 bilhões em 1996, passando para

R\$ 5,9 bilhões em 2007 (crescimento de 53,6% – Tabela 11). Enquanto o COI aumentou 70,9% no período, o VTI aumentou de forma mais tímida: de R\$ 1,2 bilhão em 1996 para R\$ 1,4 bilhão em 2007 (crescimento de 15%). Isto significa que o peso do valor agregado (VTI) no valor da produção (VBP) do setor de couro acabou sofrendo redução: de 30,9% em 1996 para 23,1% em 2007.

Considerando que o aumento do VBP foi superior ao aumento do Pessoal Ocupado (PO) no setor de couro no período analisado (23,3% – Tabela 15), constatou-se uma elevação da produtividade do trabalho, medida pela relação entre VBP e PO (17,6%), entre os anos-limite do período analisado. Esta elevação da produtividade no setor de couro foi inclusive superior àquela ob-

servada na indústria de transformação no mesmo período. Por sua vez, o menor aumento dos salários totais (29,7% – Tabela 15) com relação ao incremento dos custos industriais (COI) acarretou queda do peso dos salários nos custos do setor de couro no período, seguindo tendência também verificada na indústria de transformação. As tendências apontadas se confirmaram em período recente. Estudos ressaltam que a recuperação da indústria brasileira de couro e calçados no período pós-crise tem sido acompanhada pelo aumento da eficiência: os fabricantes de calçados e de couro apresentaram aumento de 8,6% na produtividade e de apenas 0,2% na folha de pagamento de janeiro a agosto de 2010 na comparação com o mesmo período de 2009 (*Valor Econômico*, 11/10/2010).

Tabela 11 - Indústria de Transformação e Indústria de Couro:
indicadores selecionados de desempenho (1996, 2007 e 2008)

	1996 ⁽¹⁾	2007 ⁽¹⁾	2008 ⁽²⁾	Var. % 2007/1996
Indústria de Transformação				
Valor Bruto da Produção Industrial (VBP) (R\$ milhões de 2008)	850.122,2	1.409.891,4	1.646.756,3	65,8 ↑
Custo das Operações Industriais (COI) (R\$ milhões de 2008)	449.674,1	807.805,2	931.753,3	79,6 ↑
Valor da Transformação Industrial (VTI) (R\$ milhões de 2008)	400.448,1	602.086,3	715.002,9	50,4 ↑
Participação do valor agregado na produção VTI/VBP (%)	47,1	42,7	43,4	(9,3) ↓
Produtividade VBP/PO (R\$ mil/empregado)	165,3	194,4	221,6	17,6 ↑
Participação dos salários nos custos Salários/COI (%)	22,8	17,4	16,1	(23,6) ↓
Indústria de Couro				
Valor Bruto da Produção Industrial (VBP) (R\$ milhões de 2008)	3.855,5	5.923,6	5.904,3	53,6 ↑
Custo das Operações Industriais (COI) (R\$ milhões de 2008)	2.664,0	4.553,5	4.288,6	70,9 ↑
Valor da Transformação Industrial (VTI) (R\$ milhões de 2008)	1.191,5	1.370,1	1.615,7	15,0 ↑
Participação do valor agregado na produção VTI / VBP (%)	30,9	23,1	27,4	(25,2) ↓
Produtividade VBP/PO (R\$ mil/empregado)	115,2	143,5	164,7	24,6 ↑
Participação dos salários nos custos Salários/COI (%)	14,4	10,9	11,4	(24,1) ↓
Participação na Indústria de Transformação				
Valor Bruto da Produção Industrial (%)	0,45	0,42	0,36	↓
Valor da Transformação Industrial (%)	0,30	0,23	0,23	↓

(1) Dados de 1996 e 2007 com base na CNAE 1.0.

(2) Dados de 2008 com base na CNAE 2.0.

Fonte: Elaboração NEIT-IE-UNICAMP a partir de dados PIA/IBGE.

Na indústria de transformação, as taxas de crescimento do valor da produção e do valor agregado foram superiores às aquelas observadas no setor de couro entre 1996 e 2007 (respectivamente, 65,8% e 50,4% – Tabela 11). Contudo, o peso do valor agregado (VTI) no valor da produção (VBP) da indústria de transformação também sofreu redução, apesar de atingir patamares superiores aos registrados no setor de couro: 47,1% em 1996 para 42,7% em 2007. Sendo assim, concretizou-se a redução da participação do VBP e do VTI do setor de couro nos totais da indústria de transformação entre os anos analisados.

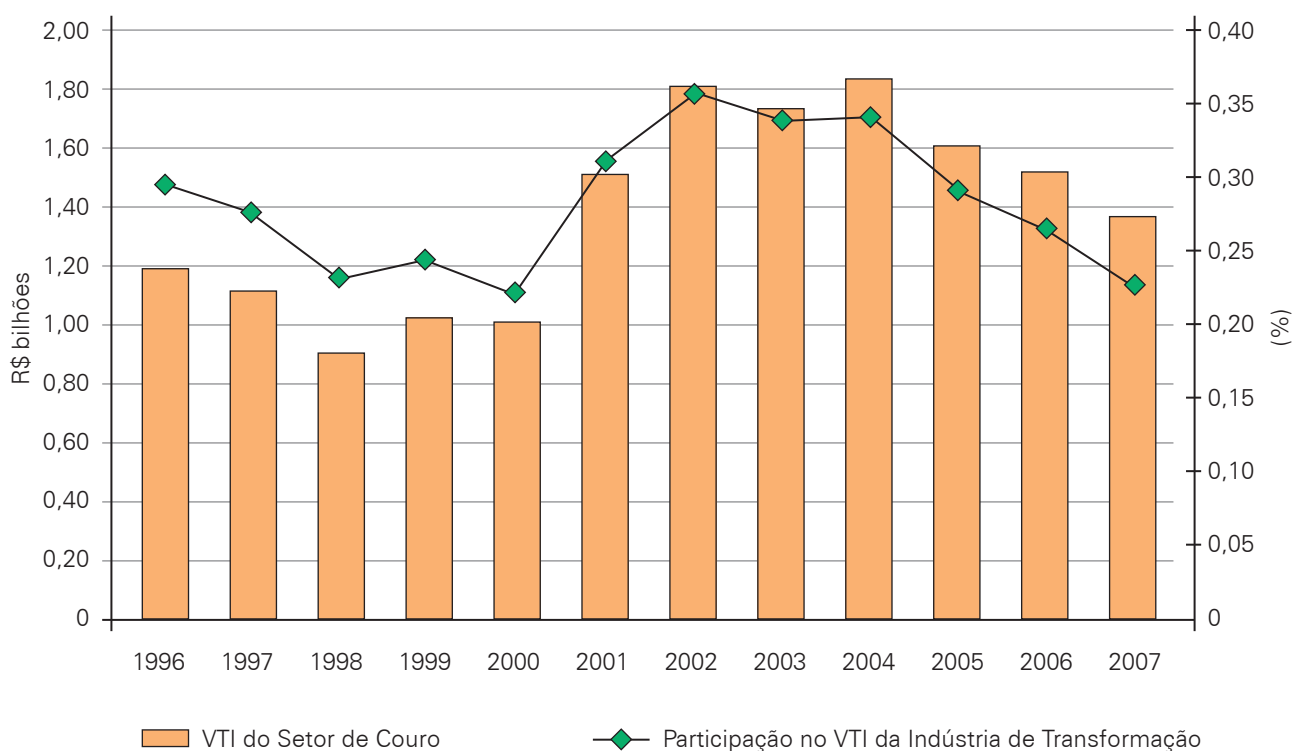
Observando o comportamento anual da participação do valor agregado pelo setor de couro no valor agregado total da indústria de transformação brasileira, confirmou-se que tal participação tem se situado em patamar bastante reduzido, constatando-se um movimento de queda mais acentuada a partir de 2004 (Gráfico 3). Este movimento evidencia que o setor de couro tem se mantido como uma atividade industrial de baixo valor adicionado.

Alguns elementos contribuem para explicar o desempenho do setor de couro no período 1996-2007. Em primeiro lugar, por se tratar de um

setor produtor de matéria-prima especialmente associada à produção de bens de consumo não-duráveis, a evolução da renda da população afeta indiretamente sua produção. Grande parte do período analisado foi marcada pela semiestagnação nos níveis de renda e consumo, não favorecendo a expansão da produção dos bens não-duráveis que utilizam couro como sua matéria-prima (caso de calçados e móveis). Por outro lado, o setor direciona uma parcela relevante de sua produção para o mercado externo, fazendo com que a taxa de câmbio tenha efeito importante sobre as exportações e, portanto, sobre os níveis de produção. Cabe notar que, por exemplo, nos períodos de valorização cambial, como de 1996 a 1999, e no período mais recente a partir de 2004, o câmbio parece ter contribuído para afetar negativamente o desempenho do setor.

Em 2008, a indústria de couro foi marcada por uma redução do VBP, enquanto a indústria de transformação continuou apresentando crescimento da produção, o que certamente contribuiu para reduzir ainda mais a participação do VBP do setor de couro na totalidade do VBP da indústria de transformação (para 0,36%) (Tabela 11). No que se refere ao valor adicionado, o setor de couro

Gráfico 3 - Evolução do Valor Agregado da Indústria de Couro e Participação no Valor Agregado da Indústria de Transformação (1996-2007)



Fonte: Elaboração NEIT-IE-UNICAMP a partir de dados PIA/IBGE.

ro conseguiu apresentar um desempenho positivo no ano analisado, apesar da queda do valor da produção, devido à redução relativamente mais acentuada dos custos industriais. A participação do VTI no VBP do setor de couro apresentou importante elevação em 2008 (para 27,4%). A indústria de transformação também logrou apresentar aumento do valor agregado em nível bastante similar ao observado no setor de couro, o que levou a uma estagnação da participação do valor agregado pelo setor de couro no valor adicionado total da indústria no ano 2008 (0,23%).

Uma análise da evolução mais recente da produção física de couro torna-se necessária para destacar algumas tendências atuais. No biênio 2008-2009, segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF/IBGE), houve um desempenho muito negativo da produção física de couro e de artefatos⁷: -8,5% em 2008 e -17,1% em 2009 (Tabela 12). Em 2008, este comportamento descendente contrastou com a evolução ainda positiva da produção física da indústria de transformação (3,1%). Em 2009, a queda da produção física de couro e de artefatos foi muito superior àquela observada na indústria de transformação (Gráfico 4). Isto indica efeitos relativamente mais acentuados da crise mundial sobre o setor de couro brasileiro, que se juntaram

às dificuldades impostas pela crescente concorrência externa e pela valorização cambial sobre a exportação e a produção de couro.

Considerando as taxas de variação trimestrais em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, observa-se um comportamento negativo da produção física de couro e artefatos em praticamente todo o período analisado, com acentuado agravamento nos dois primeiros trimestres de 2009 no auge da crise mundial (Tabela 12). Somente nos dois primeiros trimestres de 2010 constataram-se taxas de crescimento da produção física de couro e artefatos. No primeiro trimestre do ano, registrou-se inclusive uma forte recuperação da produção, provavelmente estimulada pelo reaquecimento da demanda interna. Contudo, a variação trimestral voltou a apresentar redução no terceiro trimestre, revelando a persistência das dificuldades enfrentadas pelo setor de couro e artefatos. Certamente a produção física de couro mostrou uma tendência de encolhimento gradativo no último triênio, acentuado pela crise mundial, embora com um movimento recente de recuperação.

3.2.3 – Investimentos

A realização de investimentos pela indústria brasileira de couro pode contribuir para o processo de recuperação de sua produção física. Os dados do Sistema BNDES mostram que os investimentos no conjunto da indústria de couro e calçados (considerando que os dados não são apresentados de forma desagregada) não têm se destacado na totalidade dos investimentos industriais nos últimos anos. Ou seja, a indústria citada não mantém participação relevante nos esforços

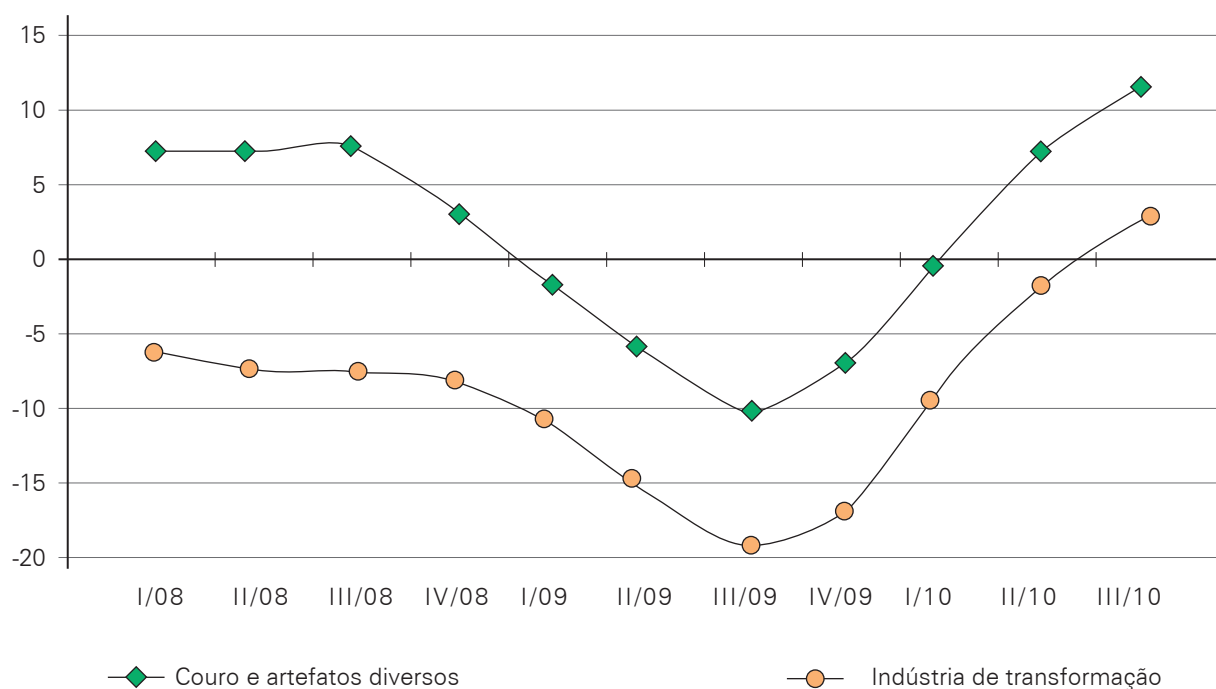
7 Os dados da PIM-PF disponibilizados por subsetores industriais não permitem separar o comportamento da produção de couro da de artefatos de couro. Portanto, os resultados da análise dos dados de produção física devem ser complementados por outras informações sobre o comportamento da produção de couro de outras fontes.

Tabela 12 - Indústria de Transformação e Indústria de Couro e Artefatos: variação da produção física (I/2008-III/2010) (%)

	I 2008	II 2008	III 2008	IV 2008	I 2009	II 2009	III 2009	IV 2009	I 2010	II 2010	III 2010
Taxa trimestral em relação ao mesmo trimestre do ano anterior											
Indústria de Transformação	6,4	6,2	6,6	(6,3)	(14,5)	(12,3)	(8,1)	6,0	18,2	14,3	7,8
Couro e artefatos	(11,9)	(2,1)	(5,5)	(14,3)	(25,3)	(20,9)	(17,3)	(4,0)	16,5	3,9	(3,7)
Taxa acumulada nos últimos quatro trimestres											
Indústria de Transformação	6,7	6,7	6,8	3,1	(1,9)	(6,5)	(10,2)	(7,3)	(0,2)	6,5	11,2
Couro e artefatos	(6,7)	(7,6)	(7,9)	(8,5)	(11,4)	(16,0)	(19,3)	(17,1)	(8,5)	(2,1)	2,4

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIM-PF/IBGE.

Gráfico 4 - Indústria de Transformação e Indústria de Couro e Artefatos:
variação da produção física (taxa acumulada nos últimos quatro trimestres)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIM-PF/ IBGE.

de investimento do país. A participação média da indústria de couro e de calçados no desembolso total do Sistema BNDES para a indústria brasileira foi de somente 0,9% no período 2004-2009. O desembolso médio anual do Sistema BNDES para a indústria de couro e calçados foi de R\$ 285 milhões no mesmo período (Tabela 13).

Na comparação dos desembolsos de janeiro a outubro de 2010 com os de janeiro a outubro de 2009, observa-se um significativo aumento de R\$ 137 milhões para R\$ 674 milhões (Tabela 14), inclusive superando a participação relativa observada em 2008, que havia atingido 1,7% do

desembolso total para a indústria (Tabela 13). Isto pode significar um novo fôlego para os investimentos e a produção do setor de couro e calçados, desde que se concretize uma tendência de aumento nos próximos meses. Ainda assim, manteve-se, em 2010, a tímida participação dos desembolsos para o setor analisado sobre o total para a indústria brasileira.

Portanto, com base nos dados analisados, nota-se um aumento localizado dos investimentos do setor de couro e calçados em 2010. Contudo, os dados não separam os desembolsos destinados especificamente ao segmento de couro,

Tabela 13 - Couro e Calçados: Desembolso Anual do Sistema BNDES por Setor CNAE (2004-2009)

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Média
Desembolso anual (R\$ milhões)	164,7	153,9	316,3	170,8	651,5	252,8	285,0
Participação do desembolso no total da indústria (%)	1,0	0,7	1,2	0,6	1,7	0,4	0,9
Total da indústria (R\$ milhões)	15.768,8	23.370,4	27.120,8	26.445,8	39.020,8	63.521,2	32.541,3

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados do BNDES.

Tabela 14 – Couro e Calçados: Desembolso do Sistema BNDES por Setor CNAE
(janeiro a outubro de 2009 e 2010)

	Jan.-Out. 2009 (R\$ milhões)	Participação (%)	Jan.-Out. 2010 (R\$ milhões)	Participação (%)
Desembolso anual (R\$ milhões)	136,7	0,3	674,2	1,0
Total da indústria (R\$ milhões)	52.571,9	100,0	69.907,9	100,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados do BNDES.

o que não permite uma avaliação individualizada da tendência dos investimentos em couro. Mesmo assim, não é possível constatar a existência de um ciclo de investimentos, o que depende de seu comportamento no futuro. Também não se pode afirmar que o setor de couro e calçados mantenha participação relevante nos desembolsos totais do BNDES para indústria brasileira.

O Quadro 4 resume algumas características e informações sobre o desempenho do consumo, da produção e dos investimentos da indústria brasileira de couro, bem como ressalta suas perspectivas:

Quadro 4 – Desempenho e Perspectivas do Consumo, da Produção e dos Investimentos da Indústria Brasileira de Couro

Consumo

- destino da produção brasileira de couro: crescente participação do consumo final (exportações e consumo interno) e concentração do consumo intermediário no setor de calçados e artefatos de couro.
- desempenho (período 2000-2008 – Matriz insumo-produto/IBGE)
 - ✓ aumento da participação do consumo final e redução da participação do consumo intermediário sobre a produção brasileira de couro e artefatos ao longo da década de 2000, superando o consumo intermediário;
 - ✓ aumento da participação do consumo interno e redução da participação das exportações na demanda/consumo total (consumo intermediário + final)
 - ✓ perda de participação dos calçados e artefatos de couro no consumo intermediário e no consumo total, mas manutenção de sua liderança como destino do couro brasileiro.

Produção, valor agregado e produtividade

- Brasil: um dos maiores produtores mundiais de couro bovino (4º lugar em 2006 – ICT e FAO)
- indústria brasileira de couro: reduzida capacidade de agregação de valor sobre a produção e pequena participação na produção e no valor agregado pela indústria de transformação brasileira.
- desempenho (período 1996-2007 – PIA/IBGE):
 - ✓ redução do peso do valor agregado no valor da produção;
 - ✓ redução da participação do valor da produção e do valor agregado nos totais da indústria de transformação;
 - ✓ queda do peso dos salários nos custos industriais;
 - ✓ elevação da produtividade do trabalho
- (valor da produção/pessoal ocupado) desempenho da produção física (2008-III/2010 – PIM-PF/IBGE):
 - ✓ tendência de redução, acentuada pela crise mundial, porém com movimento recente de recuperação.

Investimento (indústria de couro e calçados):

- ✓ pequena participação nos desembolsos totais do Sistema BNDES para a indústria brasileira;
- ✓ aumento dos desembolsos no período de janeiro a outubro de 2010.

Perspectivas:

aumento dos investimentos, da produção e do consumo interno de couro, considerando a continuidade da recuperação de sua produção doméstica e a manutenção da pequena participação de suas importações em contexto de crescimento da economia e do mercado interno brasileiro.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP.

3.3 – Emprego, Salário e Escolaridade

A indústria de couro também pode ser caracterizada pela intensidade no uso de trabalho humano, contribuindo de forma relevante para a geração de emprego industrial. Sua importância na geração de emprego, contudo, foi atenuada ao longo dos últimos anos. Além disso, o emprego gerado ainda continua sendo de baixa qualificação e mal remunerado. Isto pode ser observado pela análise do desempenho do setor em termos de emprego e salários.

Segundo os dados da Pesquisa Industrial Anual (PIA)⁸ do IBGE, o setor de couro empregava 33,5 mil pessoas, em 1996, passando para 41,3 mil em 2007 – com crescimento de 23,3% no total do período 1996-2007⁹ (Tabela 15). Na indústria brasileira, o crescimento do Pessoal Ocupado (PO) foi significativamente maior no mesmo período (41%). Com isso, a participação do emprego no setor de couro no emprego total da indústria reduziu-se de 0,65%, em 1996, para 0,57% em

2007. Em 2008¹⁰, a indústria de couro foi marcada pela queda de emprego, enquanto a indústria de transformação apresentou um tímido crescimento do pessoal ocupado, o que certamente contribuiu para reduzir ainda mais a participação do emprego no setor de couro na totalidade do emprego industrial (0,48%).

Outra característica do setor de couro é a manutenção de reduzidos níveis de remuneração média do trabalho. Com relação à massa de salários no setor de couro, observou-se um aumento em termos reais no período 1996-2007¹¹ (29,7%) (Tabela 15). No total da indústria houve um superior aumento das remunerações no mesmo período (37,2%). Com isso, a participação das remunerações do setor de couro no total da indústria apresentou ligeira queda de 0,37% em 1996 para 0,35% em 2007. Considerando que o setor de couro apresentou um aumento relativamente menor do pessoal ocupado com relação à massa de salários, o salário médio aumentou no período 1996-2007 (5,2%), contrastando com a pequena queda do salário médio observada na indústria brasileira no mesmo período (-2,6%). No entanto, a remuneração média da indústria brasileira se manteve em patamar superior ao observado no setor de couro. Em 2007, o salário médio do setor foi de R\$ 12 mil por ano comparado a R\$ 19,4 mil na indústria de transformação (preços

8 A PIA/IBGE fornece dados importantes para a análise dos diversos setores industriais, como o valor da produção industrial, o valor da transformação industrial, o custo operacional bruto, o número de empresas, o número de funcionários, dentre outros. Essa pesquisa considera todos os estabelecimentos com mais de quatro funcionários e os classifica segundo a origem principal do faturamento. Vale lembrar que alguns dados fornecidos pela PIA/IBGE contrastam com aqueles fornecidos pelo RAIS/MTE, já que esta última fonte considera todas as empresas que se auto-declararam em determinado setor. Portanto, existem certamente divergências metodológicas entre as duas bases de dados que devem ser destacadas quando utilizadas em conjunto.

9 O IBGE disponibilizou dados da PIA com base na CNAE 1.0 para o período 1996-2007, o que permite sua comparação. Esta observação serve para todos os dados da PIA utilizados doravante neste relatório.

10 Para o ano 2008, os dados da PIA foram disponibilizados com base na CNAE 2.0, o que não permite uma comparação direta com os dados do período anterior. Para viabilizar a comparação, o IBGE disponibilizou dados da PIA com base na CNAE 2.0 para o biênio 2007-2008. Esses dados são utilizados ao longo deste relatório para sustentar a análise da variação observada no ano 2008.

11 Os dados para o período analisado foram deflacionados (deflator: IPCA) e apresentados na tabela e no texto a preços de dezembro de 2008.

Tabela 15 – Indústria de Transformação e Indústria de Couro:
pessoal ocupado, massa de salários e salário médio (1996, 2007 e 2008)

	1996 ⁽¹⁾	2007 ⁽¹⁾	2008 ⁽²⁾	Var. % 2007/1996
Indústria de Transformação				
Pessoal Ocupado (unidades em 31/12)	5.143.775	7.250.985	7.431.026	41,0 ↑
Massa de Salários (R\$ mil de 2008)	102.689.627	140.921.653	150.183.416	37,2 ↑
Salário Médio (R\$ de 2008)	19.964	19.435	20.210	(2,6) ↓
Indústria de Couro				
Pessoal Ocupado (unidades em 31/12)	33.479	41.280	35.844	23,3 ↑
Massa de Salários (R\$ mil de 2008)	382.812	496.322	488.193	29,7 ↑
Salário Médio (R\$ de 2008)	11.434	12.023	13.620	5,2 ↑
Participação na Indústria de Transformação				
Pessoal Ocupado em 31/12 (%)	0,65	0,57	0,48	↓
Massa de Salários (%)	0,37	0,35	0,33	↓

(1) Dados de 1996 e 2007 com base na CNAE 1.0.

(2) Dados de 2008 com base na CNAE 2.0.

Fonte: Elaboração NEIT-IE-UNICAMP a partir de dados PIA/IBGE.

de dez. de 2008). De forma localizada, em 2008, houve queda tanto do pessoal ocupado quanto da massa de salários no setor de couro, porém mantendo a elevação do salário médio, que ainda se encontra abaixo do salário médio da indústria de transformação.

Portanto, considerando um período de tempo mais longo, o setor de couro apresentou tendência de aumento de pessoal ocupado, da massa de salários e do salário médio no período analisado. Contudo, notou-se redução da participação do pessoal ocupado e da massa de salários do setor de couro no total da indústria de transformação brasileira. Além disso, o salário médio do setor manteve-se em patamar inferior ao do salário médio da indústria de transformação, o que revela a persistência da utilização de trabalho relativamente mal remunerado pelo setor de couro.

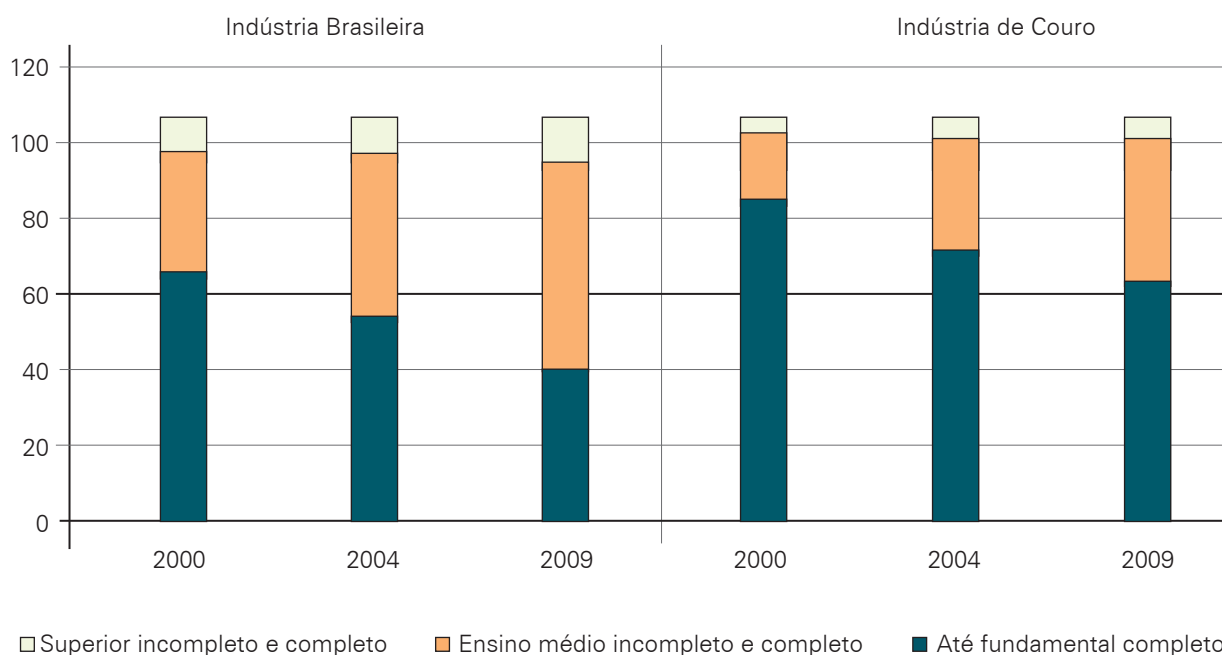
Contribui para explicar este ponto a análise do nível de escolaridade do pessoal ocupado na indústria de couro brasileira. No período 2000-2009, a participação de empregados com até o ensino fundamental completo manteve-se significativamente elevada, apesar de decrescente, passando de 80%, em 2000, para 59,5% em 2009 (Gráfico 5). Na indústria brasileira, o peso dos trabalhadores com até o ensino fundamental completo também apresentou comportamento decrescente, todavia mantendo-se em patamar inferior ao observado no setor analisado: 62,5%,

em 2000, e 38,3% em 2009. A participação de empregados na indústria de couro que estão cursando ou possuem o ensino médio completo mais do que duplicou no período, de 16,3%, em 2000, para 35,6% em 2009, enquanto na indústria brasileira passou de 29,7%, em 2000, para 51,1% em 2009. Por sua vez, a indústria brasileira chegou a apresentar 10,5% de participação dos trabalhadores com ensino superior incompleto ou completo em 2009, enquanto o setor de couro atingiu 4,9% nesta categoria no mesmo ano.

Sendo assim, observa-se uma tendência de incremento do grau de instrução dos trabalhadores industriais brasileiros em geral e dos trabalhadores empregados no setor de couro em particular. No entanto, esta tendência se mostra muito mais tímida no setor de couro. O ainda limitado grau de instrução da força de trabalho empregada no setor analisado certamente tem contribuído para seus reduzidos patamares de remuneração média. Torna-se evidente que o setor de couro caracteriza-se também, por ora, pela geração de empregos menos qualificados.

Uma análise da evolução mais recente do emprego formal torna-se necessária para detectar algumas tendências atuais. Dados mais recentes de criação de emprego formal na indústria de couro registraram perda de vagas em 2008, seguida pela recuperação do emprego no biênio 2009-2010. Dados do Cadastro Geral de Empre-

Gráfico 5 - Participação de Emprego por Grau de Instrução⁽¹⁾:
Indústria Brasileira x Indústria de Couro (2000, 2004 e 2009) (%)



□ Superior incompleto e completo ■ Ensino médio incompleto e completo ■ Até fundamental completo

(1) Os dados de 2000 e 2004 correspondem ao código CNAE 1.0 (19.1) e de 2009 ao código CNAE 2.0 (15.1).
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da RAIS/MTE.

gados e Desempregados (CAGED/MTE)¹² mostraram a perda líquida de 6 mil vagas pelo setor de couro no acumulado do ano de 2008, especialmente concentrada no último trimestre, no âmbito da crise econômica mundial (Tabela 16). Este comportamento desfavorável do setor de couro contrastou com a criação de vagas pela indústria de transformação no mesmo ano, que, contudo, também sofreu perda significativa de vagas no último trimestre, sob o efeito da crise.

A recuperação do emprego formal na indústria de couro começou de forma tímida no ano seguinte (1 mil vagas em 2009) para se tornar mais vigorosa em 2010 (2,2 mil vagas em 2010). Contudo, a criação de vagas de janeiro de 2009 a setembro de 2010 recuperou apenas um pouco mais da metade das vagas que haviam sido perdidas em 2008. A recuperação do emprego formal se mostra muito mais vigorosa na indústria

de transformação em 2010, que conseguiu ultrapassar de forma significativa a criação de vagas observada no período de crescimento de janeiro a setembro de 2008. No período de janeiro a setembro de 2010, a participação do setor de couro na criação de vagas pela indústria de transformação brasileira (573 mil) foi extremamente reduzida (por volta de 0,4%). Portanto, o setor de couro tem conseguido recuperar o emprego formal no último biênio, mas com pequena participação na criação de vagas pela indústria de transformação, e sem ter conseguido retomar o estoque de emprego do período pré-crise.

Considerando o movimento recente da massa de salários e dos salários médios de trabalhadores admitidos e desligados da indústria de couro, verifica-se, em primeiro lugar, uma interessante inversão do comportamento da massa de remuneração dos trabalhadores admitidos com relação a dos desligados. Em 2009, a massa de salário admissional seguiu o comportamento observado em anos anteriores, quando costumava ser inferior à massa de salário dos desligados (Cunha, 2008a). Contudo, a massa de salário admissional tornou-se superior à massa dos trabalhadores desligados de janeiro a setembro de 2010 (Tabela

12 O CAGED/MTE apresenta os resultados de todas as empresas que realizaram contratação/demissão de empregados formais no período pesquisado, tendo, portanto, cobertura censitária. Esta base de dados mostra-se mais adequada para analisar criação de emprego formal em setores onde predominam empresas de menor porte.

Tabela 16 – Indústria de Transformação e Indústria de Couro:
evolução da criação de emprego formal (2008-2010)

	Estoque	Acumulado janeiro a setembro			Acumulado no ano			Variação sobre estoque de 2007		
		2007	2008	2009	2010	2008	2009	2010 ⁽²⁾	2008	2009
Indústria de Transformação	6.710.807	499.864	57.371	573.456	155.155	3.651	573.456	2,3%	0,1%	8,5%
Indústria de Couro⁽¹⁾	46.001	(2.181)	362	2.202	(6.026)	1.036	2.202	(13,1%)	2,3%	4,8%

(1) Os dados correspondem ao código 15.1 (curtimento e outras preparações de couro) da CNAE 2.0.

(2) Jan. a Set. 2010.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados do CAGED/MTE.

Tabela 17 - Indústria de Transformação e Indústria de Couro: evolução da massa de salários e dos salários médios – admitidos e desligados (2009 e 2010⁽¹⁾)

	Massa de salário dos admitidos (R\$ milhões) ⁽³⁾		Massa de salário dos desligados (R\$ milhões) ⁽³⁾		Salário médio dos admitidos (R\$) ⁽³⁾		Salário médio dos desligados (R\$) ⁽³⁾	
	2009	2010	2009	2010	2009	2010	2009	2010
Indústria de Transformação	2.292,8	2.409,6	2.787,6	2.169,5	787,6	829,3	955,2	928,6
Indústria de Couro⁽²⁾	12,8	12,9	13,8	12,3	669,3	673,4	759,9	723,7

(1) Jan. a Set. 2010; (2) Os dados correspondem ao código 15.1 (curtimento e outras preparações de couro) da CNAE 2.0; (3) Dados monetários a preços de dezembro de 2009.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados do CAGED/MTE.

17). Vale destacar que isto ocorre tanto na indústria de transformação quanto na indústria do couro. Em segundo lugar, os salários admissionais médios mantiveram-se inferiores aos salários médios dos trabalhadores desligados da indústria do couro nos dois últimos anos (tendência verificada também na indústria de transformação), apesar da diferença ter se reduzido em 2010.

Portanto, a recuperação de emprego formal no último biênio tem sido acompanhada pela manutenção de salários médios inferiores para os tra-

balhadores admitidos, que, todavia, mostram uma tendência de aproximação dos salários médios superiores dos trabalhadores desligados. Além disso, a massa de salários dos desligados parece mostrar sinais de redução, atingindo patamar inferior à massa de salários dos admitidos em 2010.

O Quadro 5 resume algumas características e algumas informações sobre o desempenho do emprego, dos salários e da escolaridade na indústria brasileira de couro:

Quadro 5 – Desempenho do Emprego, Salários e Escolaridade na Indústria Brasileira de Couro

características:

- ✓ intensidade no uso de trabalho humano, contribuindo de forma relevante, embora decrescente, para a geração de emprego industrial;
- ✓ emprego de baixa qualificação e mal remunerado: limitado grau de instrução da força de trabalho empregada e manutenção de reduzidos níveis de remuneração média do trabalho .

desempenho (período 1996-2007 – PIA/IBGE):

- ✓ crescimento do emprego, da massa de salários e do salário médio da indústria brasileira de couro;
- ✓ mas redução da participação do emprego e da massa de salários da indústria de couro nos totais da indústria de transformação;
- ✓ manutenção da inferioridade do salário médio do setor de couro com relação ao salário médio da indústria de transformação;
- ✓ tendência de incremento do grau de instrução dos trabalhadores industriais brasileiros e dos trabalhadores empregados na indústria de couro;
- ✓ mas manutenção da inferioridade do grau de instrução da força de trabalho empregada na indústria de couro.

desempenho (2008-III/2010 – CAGED/MTE):

- ✓ perda de emprego formal em 2008;
- ✓ recuperação do emprego formal no biênio (2009-2010);
- ✓ mas manutenção de pequena participação na criação de vagas pela indústria de transformação e sem retomar o estoque de emprego na indústria de couro do período pré-crise;
- ✓ superioridade da massa de salário admissional com relação à massa salarial dos trabalhadores desligados no período de janeiro a setembro de 2010, invertendo tendência observada em períodos anteriores;
- ✓ mas manutenção da inferioridade dos salários admissionais médios com relação aos salários médios dos trabalhadores desligados da indústria do couro nos dois últimos anos, apesar da redução da diferença em 2010.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP.

3.4 – Tecnologia e Esforço de Inovação

A indústria do couro não é intensiva em tecnologia, sendo caracterizada por uma tecnologia madura. Contudo, isto não significa deixar de lado a importância do contínuo esforço de inovação em produto e processo.

O aprimoramento da qualidade e das características naturais do couro, associado ao esforço de diferenciação do produto, pode ser um caminho para ganhar mercados consumidores, inclusive externos, através do desenvolvimento, da produção e da comercialização de produtos de melhor qualidade e de maior valor agregado, que possam ocupar uma faixa intermediária do mercado consumidor, atingindo preços médios mais elevados no mercado internacional. No que se refere à tecnologia de processo, cabe destacar a necessidade de modernização da produção com a utilização de equipamentos mais sofisticados, principalmente na etapa do corte do couro; de racionalização do processo produtivo, como o desenvolvimento de formas mais limpas e eficientes de tratamento do couro; e de aumento da escala da produção, especialmente importante para competir em mercados consumidores externos (Garcia e Madeira, 2007).

A qualidade do couro é fundamental para a cadeia produtiva de derivados de couro. Alguns estudos apontam a má qualidade do couro brasi-

leiro decorrente de fatores como abate dos animais mais velhos e, principalmente, ausência de tratamento adequado do gado, deixando marcas resultantes da agressão humana, de maus tratos, de cercas de arames farpados e de transporte inadequado. Considera-se que aproximadamente 90% das peles brasileiras registram problemas (Santos *et al.*, 2002). Outros trabalhos afirmam que somente 8% do couro brasileiro podem ser classificados como de alta qualidade (Alves, Renofio e Barbosa, 2008). Os autores, com base em pesquisas voltadas para a análise da qualidade do couro, apontam que quase 60% dos defeitos do couro bovino brasileiro têm origem no campo, causados por ectoparasitas, marcas de fogo, traumas de manejo e acidentes (pasto e curral). Defendem que a maioria dos defeitos pode ser reduzida ou equacionada pelo tratamento adequado do animal no campo, acompanhado pela melhoria do transporte e do abate dos animais, assim como da conservação e do armazenamento do couro.

Os defeitos do couro derivados de ações da natureza podem ser inclusive minimizados pela tecnologia de processo de curtimento e de acabamento do couro. A modernização de instalações, a implantação de sistemas informatizados e de automação e a preocupação com a qualificação da mão de obra podem trazer efeitos po-

sitivos sobre a qualidade do produto couro¹³. O aprimoramento da qualidade do couro passaria, portanto, por uma articulação entre pecuaristas, frigoríficos e curtumes, bem como pela comercialização, que deveria diferenciar o pagamento do produto por sua qualidade e forma de tratamento (Santos *et al.*, 2002).

Os investimentos em tecnologia de processo passam, como citado, pela modernização e racionalização do processo produtivo, principalmente pelo desenvolvimento de formas mais limpas e eficientes de tratamento do couro, fundamentais para se competir no mercado internacional. Um dos principais problemas da tecnologia de processo de produção do couro brasileiro são os reduzidos controles ambientais e a extensiva utilização do cromo no curtimento. Na indústria brasileira predomina o método de curtimento de couro bovino com o uso de cromo – participação média de 95,4% sobre a totalidade da produção no período 1999-2009 (Sidra/IBGE). A participação da produção de couro com cromo tem sido inclusive crescente desde os anos 90, passando de 85%, em 1992, para 97% em 2009.

Há uma dificuldade de obtenção de informações sobre o nível existente de controle ambiental nos curtumes brasileiros, principalmente nos pequenos e médios estabelecimentos. Sabe-se que os curtumes exportadores têm investido em redução da emissão de resíduos em função dos limites impostos por alguns países consumidores ao uso de determinados insumos, como o cromo. Alguns procedimentos são citados por estudos sobre o setor com vistas à redução de resíduos: “a substituição de corante por outros menos poluentes; a utilização do couro verde em substituição ao salgado; as mudanças no processo de pintura; a reorganização do local de trabalho (limpeza e *layout*); o uso de equipamentos redutores do consumo de água e energia; a reutilização de resíduos (aparas e sebos); e a redução e recuperação do cromo, através de processo químico, para reutilização” (Santos *et al.*, 2002).

Segundo o ex-presidente da CICB, a indústria curtidora brasileira tem evoluído bastante nas questões ambientais. “Além do tratamento cada vez mais sofisticado dos seus esgotos, os curtumes desenvolvem, permanentemente, junto

com a indústria química e institutos de pesquisa, novas fórmulas utilizando cada vez menos água e produtos químicos e aperfeiçoando cada vez mais os seus processos de reciclagem. Mesmo assim, muito ainda pode ser feito e novas atualizações se fazem necessárias” (*Jornal Exclusivo*, 25/01/2010). Entretanto, estudos apontam que a indústria brasileira de couro ainda carece de controle ambiental e de redução da utilização do cromo no processo de curtimento, deficiências que acabam funcionando como uma barreira à exportação do produto brasileiro, exigindo a adoção de regulamentação ambiental e de incentivo às formas limpas de tratamento para equacionar os entraves à inserção mais virtuosa do país no comércio mundial de couro.

De forma geral, algumas possibilidades de desenvolvimento tecnológico são sugeridas por trabalhos sobre a indústria brasileira de couro: “melhoria da qualidade da matéria-prima, do campo ao curtume”; “adoção de alternativas limpas e de avanços tecnológicos no processo de tratamento do couro”; “substituição de produtos químicos em curtumes”, especialmente o cromo¹⁴; “desenvolvimento de novos acabamentos”; “uso integrado e eficiente da água”; “uso de enzimas biotecnológicas no tratamento do couro”; e “realização de esforços de valorização dos subprodutos e resíduos do tratamento do couro” (ABDI, 2008b).

3.5 – Comércio Externo

Uma das características da indústria brasileira de couro é sua significativa inserção internacional, com a exportação de uma considerável parte de sua produção doméstica, levando o país a ocupar uma posição de destaque no comércio internacional de couro.

Uma análise do comércio externo brasileiro de couro permite avaliar o comportamento do valor total de suas exportações e importações, mas também a participação dos principais tipos de couro nas vendas externas brasileiras, bem como a evolução da participação do país nos principais mercados consumidores do couro brasileiro.

13 Jacinto (2001) detalha medidas para assegurar a qualidade do couro brasileiro desde o tratamento do animal no campo e no transporte, passando pelas várias etapas de fabricação do couro.

14 A possibilidade de substituição do cromo tem sido estudada e, por vezes, implementada por alguns curtumes no plano internacional. O couro conhecido como *wet white* deriva de um processo de curtimento que não utiliza o cromo (*free of chrome* – FOC). Espera-se uma demanda crescente por este tipo de couro derivada do acirramento da preocupação ambiental e de mudanças na legislação (Leather Guidebook/ITC).

O comércio externo brasileiro de couro manteve uma trajetória superavitária, ao longo da década de 2000 (Tabela 18). Em 2009, enquanto o país exportou cerca de US\$ 1,2 bilhão em couro, as importações somaram apenas US\$ 58 milhões, produzindo um superávit comercial de US\$ 1,1 bilhão. Isto significou uma pequena redução do saldo comercial positivo com relação ao ano de 2004 (-3%), porém uma queda mais acentuada com relação ao ano de 2008 (-36,6%). Este resultado foi influenciado pelos impactos negativos da crise mundial sobre o comércio internacional de couro e pela sustentação da valorização da moeda brasileira, que contribuiu para desestimular as vendas externas do produto. O saldo comercial positivo, contudo, tem sido puxado pelo elevado patamar

anual das exportações comparado ao das importações. Mesmo considerando a redução das exportações e a expressiva elevação das importações de couro, levando a um significativo encolhimento do superávit comercial no ano passado, manteve-se a historicamente reduzida participação das importações sobre as exportações de couro brasileiro (média de 8% no período 2004-2009, que se reduziu para 6% no período 2008-2009).

A análise dos dados mais recentes do comércio externo brasileiro de couro mostra, entretanto, uma reversão do comportamento descendente do superávit comercial observado no biênio anterior. Houve aumento expressivo das exportações brasileiras da matéria-prima no período de janeiro a setembro de 2010 com relação a igual período

Tabela 18 – Comércio Externo Brasileiro de Couro⁽¹⁾
(2000 - 2009)

	2000	2002	2004	2006	2008	2009	Varição ou participação média 2009-2004 (%)	Varição ou participação média 2009-2008 (%)
Exportação (X) (US\$ milhões)	758,8	958,8	1.288,7	1.875,3	1.877,7	1.159,1	(10,1)	(38,3)
Importação (M) (US\$ milhões)	179,3	115,4	154,0	137,3	142,0	58,0	62,3	(59,2)
Saldo comercial (X-M) (US\$ milhões)	579,5	843,3	1.134,7	1.738,0	1.735,7	1.101,1	(3,0)	(36,6)
Participação (M/X) (%)	23,6	12,0	12,0	7,3	7,6	5,0	8,0	6,0

(1) Foram considerados produtos selecionados da NCM capítulo 41 (NCM 4104 a 4107 e NCM 4112 a 4115), excluindo os couros e peles em bruto (NCM 4101 a 4103).

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

Tabela 19 – Comércio Externo Brasileiro de Couro⁽¹⁾
(janeiro a setembro de 2009 e de 2010)

	Jan.-Set. 2009	Jan.-Set. 2010	Varição ou participação média Jan.-Set.-10/ Jan.-Set.-09 (%)
Exportação (X) (US\$ milhões)	561,9	1.300,8	131,5
Importação (M) (US\$ milhões)	27,5	59,7	117,3
Saldo comercial (X-M) (US\$ milhões)	747,1	1.241,1	66,1
Participação (M/X) (%)	4,9	4,6	4,7

(1) Foram considerados produtos selecionados da NCM capítulo 41 (NCM 4104 a 4107 e NCM 4112 a 4115), excluindo os couros e peles em bruto (NCM 4101 a 4103).

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

do ano anterior, superando o incremento também acentuado de suas importações (Tabela 19). Isto certamente possibilitou um comportamento positivo do saldo comercial no mesmo período, basicamente influenciado pela recuperação da demanda externa de couro em 2010. A participação das importações nas exportações brasileiras de couro acabou se reduzindo ainda mais nesse período, atingindo uma média de 4,7%. Este comportamento ascendente das exportações brasileiras de couro enfrenta, todavia, a dificuldade relacionada à sustentação da sobrevalorização do real, que tem atuado como um fator de desestímulo às vendas externas da matéria-prima.

Portanto, o comércio externo brasileiro de couro tem contribuído de forma positiva para o resultado da balança comercial do país, apesar das exportações terem sofrido os efeitos da crise mundial e ainda sofrerem com a valorização do real, todavia mostrando capacidade de rápida recuperação em cenário de melhora da demanda internacional.

Detalhando um pouco mais as exportações brasileiras por tipo de couro, destaca-se o couro acabado, que atinge preços médios mais elevados no mercado internacional (Tabela 20). A participação do couro acabado no valor das exportações brasileiras de couro aumentou de 46,4%, em 2004, para 58,6% em 2009. Houve pequena redução no período de janeiro a setembro de 2010 (55,9%), mas ainda se mantém em patamar muito significativo. Historicamente, as vendas externas de couro brasileiro estiveram vinculadas às exportações de couro semiacabado (principalmente o chamado *wet blue*). Contudo, percebe-se claramente o crescimento recente das exportações de couro acabado, que havia sido citado

anteriormente por outros trabalhos (Garcia e Madeira, 2007 e Cunha, 2008a e 2008b). Isso significou uma elevação do valor agregado do couro exportado pela indústria brasileira, contribuindo certamente para a manutenção dos elevados valores exportados nos últimos anos. O preço médio do couro acabado aumentou de quase US\$ 13/kg, em 2004, para US\$ 16/kg em 2010, tendo passado por uma pequena redução em 2009, provavelmente influenciada pela crise. Houve um claro distanciamento entre o preço médio do couro acabado e o preço médio dos demais tipos de couro exportados pelo país.

Pode-se afirmar que a elevação do valor das exportações de couro em 2010 foi puxada pelo incremento do preço médio dos produtos exportados, recuperando-se da queda no período posterior à eclosão da crise mundial (2009). Por um lado, isso decorreu da concentração das exportações brasileiras em um tipo de couro (acabado), que apresenta um preço médio de exportação mais elevado e que responde por mais de 50% das vendas externas de couro em termos de valor. Por outro lado, resultou da sustentação da demanda de mercados compradores externos mais exigentes, que privilegiam o couro acabado brasileiro, como o mercado italiano, ou mesmo da demanda crescente de mercados menos sofisticados, que privilegiam o couro *wet blue* brasileiro, como o mercado chinês, contribuindo para a elevação dos preços médios internacionais dos distintos tipos de couro brasileiro.

No que se refere aos principais produtos da pauta de importação brasileira de couros e peles, cabe destacar o predomínio do couro *wet blue* e *crust*, com participação reduzida do couro salga-

Tabela 20 – Evolução do Preço Médio e da Participação dos Tipos de Couro Bovino⁽¹⁾ no Valor das Exportações Brasileiras (2004, 2009 e 2010)

Tipos de couro	2004		2009		Jan.-Set./2010	
	Preço Médio (US\$/Kg)	Participação no valor ⁽²⁾ (%)	Preço Médio (US\$/Kg)	Participação no valor ⁽²⁾ (%)	Preço Médio (US\$/Kg)	Participação no valor ⁽²⁾ (%)
Salgado	0,59	0,2	0,65	0,1	0,89	0,4
<i>Wet Blue</i>	1,93	35,0	1,28	24,9	1,96	28,6
<i>Crust</i>	10,90	14,3	7,41	14,9	8,16	14,5
Acabado	12,91	46,4	12,31	58,6	16,07	55,9

(1) Para o cálculo de participação dos tipos de couro bovino foram considerados os totais da NCM capítulo 41. A classificação dos tipos de couro foi realizada com base na subdivisão mais detalhada dos dados Secex que utilizam a NCM com códigos a 8 dígitos. (2) O total da participação percentual no valor das exportações brasileiras não corresponde a 100%, pois não foram incluídas as participações dos couros não-bovinos.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

do e do couro acabado. Além dos diversos tipos de couro, as peles de outros animais também têm garantido uma importante participação na pauta de importação brasileira: as peles de caprinos, ovinos, suínos, répteis e demais animais representaram 22,2% do valor importado de couro e de peles em 2009 (SECEX) e 34% no período de janeiro a setembro de 2010 (CICB, 2010).

Neste contexto, torna-se interessante analisar os principais destinos das exportações e origens das importações de couro, especialmente do couro acabado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de couro em 2010 foram: Itália (21,9%), China (21,4%), Hong Kong (12,1%) e EUA (11,2%). Alguns deles importantes produtores e exportadores mundiais de calçados que utilizam matéria-prima brasileira (Tabela 21). Entre 2000 e 2010, Itália, Hong Kong e EUA mantiveram participações elevadas como destinos das exportações brasileiras de couro. Entretanto, houve importantes mudanças nos principais destinos, com a crescente participação tanto da grande produtora mundial de calçados (China) no grupo dos maiores destinos – passando de uma participação reduzida de 3,1%, em 2000, para o primeiro lugar com 23,1% em 2009, e para o segundo lugar, com 21,4%, em 2010 – quanto de outros importantes produtores de calçados asiáticos (Vietnã), que aumentaram de forma intensa suas importações de couro brasileiro, embora de produtos com menor valor agregado. Em 2009 e 2010, Itália e China foram responsáveis por quase metade das compras de couro brasileiro. Houve também pequeno aumen-

to da participação conjunta dos 6 maiores destinos: 70,4%, em 2000, para 72,5% em 2010.

No que se refere ao couro acabado, principal produto da pauta de exportação brasileira de couro, os mais importantes mercados consumidores em 2010 foram: EUA (16,6%), Itália (14,6%), China (13,5%) e Hong Kong (13,5%) Novamente incluem-se grandes produtores mundiais de calçados, que demandam o couro brasileiro como matéria-prima (Tabela 22). Mesmo considerando que a China também figura entre os principais destinos do couro acabado, o país não mantém a posição de destaque observada no ranking das exportações totais de couro brasileiro. Isto porque a China se destaca nas compras do couro *wet blue*, que utiliza no processamento e acabamento realizados internamente. Segundo dados da SECEX, o país foi responsável pela maior parte das vendas externas brasileiras do chamado couro *wet blue* em 2009 (46,9% ou US\$ 135 milhões) e no período de janeiro a setembro de 2010 (38,4% ou US\$ 143 milhões).

Portanto, percebe-se uma elevada concentração das exportações de couro no que se refere ao seu destino, acompanhada por importantes mudanças no grupo dos principais países compradores, principalmente com a emergente participação da China, que se tornou grande compradora da matéria-prima brasileira. Ademais, destaca-se a importância do couro acabado na pauta de exportação brasileira, com efeito positivo sobre a elevação do valor agregado do produto exportado.

O couro brasileiro conseguiu manter uma significativa participação em seus principais merca-

Tabela 21 – Principais Países de Destino das Exportações Brasileiras de Couro⁽¹⁾ (2000, 2009 e 2010)

Ranking	2000 (US\$ mi)	(%)	Ranking	2009 (US\$ mi)	(%)	Ranking	Jan.- Set./2010 (US\$ mi)	(%)
1. Itália	305,10	40,2	1. China	267,9	23,1	1. Itália	284,7	21,9
2. Hong Kong	101,8	13,4	2. Itália	266,5	23,0	2. China	277,7	21,4
3. EUA	74,9	9,9	3. Hong Kong	145,9	12,6	3. Hong Kong	156,8	12,1
4. China	23,9	3,1	4. EUA	101,1	8,7	4. EUA	145,2	11,2
5. Países Baixos	14,5	1,9	5. Vietnã	43,5	3,8	5. Alemanha	40,3	3,1
6. Taiwan	14,3	1,9	6. México	37,9	3,3	6. Vietnã	37,9	2,9
Total (6 maiores)	534,5	70,4	Total (6 maiores)	862,9	74,5	Total (6 maiores)	942,7	72,5
Total	758,8	100,0	Total	1.159,1	100,0	Total	1.300,8	100,0

(1) Inclui todos os tipos de couro.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

Tabela 22 – Principais Países de Destino das Exportações Brasileiras de Couro Acabado (2009 e 2010)

Ranking	2009 (US\$ mi)	(%)	Ranking	Jan.-Set./2010 (US\$ mi)	(%)
1. Itália	123,1	18,1	1. EUA	121,0	16,6
2. Hong Kong	97,4	14,3	2. Itália	106,4	14,6
3. China	87,3	12,8	3. China	98,6	13,5
4. EUA	83,8	12,3	4. Hong Kong	98,3	13,5
5. México	36,8	5,4	5. Alemanha	37,7	5,2
6. Indonésia	29,1	4,3	6. México	25,9	3,6
Total (6 maiores)	457,7	67,3	Total (6 maiores)	487,9	66,8
Total	680,0	100,0	Total	729,9	100,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

dos consumidores, os quais fazem parte do grupo dos grandes importadores mundiais de couro. Na Itália, uma das maiores importadoras do couro brasileiro, a participação brasileira se reduziu de 22%, em 2000, para 18%, em 2009 (Tabela 23). Contudo, o couro brasileiro manteve, de forma incontestável, a primeira colocação no exigente mercado italiano ao longo da década de 2000. Observando mais especificamente o mercado

consumidor italiano de couro acabado, de maior valor agregado, o que se nota é uma participação brasileira muito mais elevada e, indubitavelmente, crescente: 20,4%, em 2002, 31,6%, em 2004, e 45,5%, em 2009 (Tabela 24). O couro acabado de origem brasileira mantém certamente uma posição de destaque na Itália.

A China também se tornou um dos principais mercados consumidores do produto brasileiro,

Tabela 23 – Evolução da Participação e da Posição do Brasil nos Principais Mercados Consumidores de Couro Brasileiro⁽¹⁾ (% sobre o valor importado) (2000, 2004 e 2009)

Principais mercados ⁽²⁾	2000		2004		2009	
	(%)	Posição no destino	(%)	Posição no destino	(%)	Posição no destino
1. China	2,1	6º.	9,0	3º.	12,4	2º.
2. Itália	22,0	1º.	22,8	1º.	18,0	1º.
3. Hong Kong	5,4	5º.	7,3	4º.	7,2	3º.
4. EUA	5,4	4º.	11,4	4º.	14,8	3º.

(1) Inclui todos os tipos de couro. (2) Principais destinos do couro brasileiro em 2009.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados Comtrade.

Tabela 24 – Evolução da Participação e da Posição do Brasil nos Principais Mercados Consumidores de Couro Acabado Brasileiro (% sobre o valor importado) (2002, 2004 e 2008)

Principais mercados ⁽¹⁾	2002		2004		2008	
	(%)	Posição no destino	(%)	Posição no destino	(%)	Posição no destino
1. Itália	20,4	1º.	31,6	1º.	45,5	1º.
2. China	5,6	5º.	6,4	5º.	12,2	4º.
3. EUA	11,2	3º.	16,0	3º.	14,4	2º.
4. Hong Kong	4,0	8º.	5,5	4º.	7,2	5º.

(1) Principais destinos do couro acabado brasileiro em 2008.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados Comtrade.

destacando-se na compra de couro *wet blue*, de menor valor agregado. O couro brasileiro (incluindo todos os tipos de couro) saiu de uma reduzida participação no mercado chinês de 2,1%, em 2000, quando ocupava a 6ª posição, para 12,4%, em 2009, quando passou a ocupar a 2ª colocação (Tabela 23). O couro acabado brasileiro também partiu de uma posição mais tímida no mercado chinês no início da década (5,6% ou 5ª posição em 2002) para uma posição mais confortável no final da década (12,2% ou 4ª posição em 2008), seguindo Itália e Coreia do Sul, grandes fornecedores de couro acabado para o mercado chinês (Tabela 24).

Na década de 2000, o couro brasileiro também aumentou sua participação no mercado consumidor de Hong Kong (3ª posição com 7,2% em 2009) e dos Estados Unidos (3ª posição com 14,8% em 2009) (Tabela 23). O Brasil também manteve elevada participação no mercado norte-americano de couro acabado, atingindo o 3º lugar, atrás da Itália e da Argentina, em 2002 e 2004, e o 2º lugar, superado apenas pela Itália, em 2008 (Tabela 24). Com isso, destaca-se a sustentação da relevante participação das exportações brasileiras de couro, principalmente de couro acabado, em seus principais mercados externos.

Os programas de incentivo à produção e à exportação de couro brasileiro tendem a contribuir para o aumento da participação das exportações brasileiras em seus conhecidos mercados consumidores, assim como para a diversificação dos destinos das exportações brasileiras de couro. O Programa Brasileiro para Expansão do Couro, conhecido como *Brazilian Leather*, uma iniciativa do Centro de Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB) e da Agência de Promoções de Exportações

(Apex), pode ser considerado parte do esforço de expansão do mercado externo para o couro brasileiro. O programa inclui o incentivo à qualificação da mão de obra nacional para atender aos requisitos internacionais de qualidade, bem como a promoção da inovação tecnológica da produção coureira brasileira. Neste sentido, abrange iniciativas de capacitação gerencial, desenvolvimento tecnológico e promoção comercial, com destaque para o mercado internacional.

A origem das importações brasileiras de couro também tem se concentrado em alguns países fornecedores. Em 2008 e 2009, países sul-americanos dominaram o fornecimento de couro para o Brasil, com a liderança da Argentina. A participação relevante dos países sul-americanos na pauta brasileira de importações de couro reflete a importância que os países citados têm assumido no comércio internacional do produto. Alguns países africanos emergiram como importantes fornecedores para o Brasil, revelando sua crescente participação na produção e no fornecimento mundial de couro. Itália e China, por sua vez, perderam peso no mercado brasileiro. A participação conjunta dos 5 principais países de origem das importações brasileiras de couro tem se mantido elevada em torno de 60% (Tabela 25).

Portanto, a indústria de couro brasileira tem contribuído positivamente para o saldo comercial do país, apesar da aceleração das importações e do encolhimento do superávit comercial em passado recente, que mostra, atualmente, alguns sinais de recuperação. O Brasil tem se mantido como um dos maiores exportadores mundiais de couro. Contudo, a participação das exportações brasileiras nas exportações mundiais de couro

Tabela 25 – Principais Países de Origem das Importações Brasileiras de Couro (2008, 2009 e 2010)

Ranking	2008 (US\$ mi)	(%)	Ranking	2009 (US\$ mi)	(%)	Ranking	Jan.- Set./2010 (US\$ mi)	(%)
1. Argentina	31,3	22,0	1. Argentina	12,8	22,1	1. Argentina	15,5	25,9
2. Paraguai	28,5	20,1	2. Paraguai	10,7	18,5	2. Nigéria	6,9	11,5
3. Itália	13,4	9,4	3. Uruguai	4,9	8,4	3. Paraguai	5,9	9,9
4. China	6,7	4,7	4. Austrália	4,6	8,0	4. Egito	4,3	7,1
5. Egito	5,0	3,5	5. Itália	4,5	7,8	5. Itália	4,2	7,0
Total (5 maiores)	84,9	59,8	Total (5 maiores)	37,6	64,7	Total (5 maiores)	36,7	61,5
Total	142,0	100,0	Total	58,0	100,0	Total	59,7	100,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

sofreu redução recentemente. Isso demonstra a dificuldade enfrentada pela indústria brasileira de couro no mercado externo por conta do crescente confronto com produtores italianos e asiáticos.

O Quadro 6 resume o desempenho recente e as perspectivas do comércio externo brasileiro de couro:

Quadro 6 – Desempenho Recente e Perspectivas do Comércio Externo Brasileiro de Couro

<ul style="list-style-type: none"> • Brasil: um dos maiores exportadores mundiais de couro (3º lugar em 2009);
<ul style="list-style-type: none"> • concentração dos destinos das exportações brasileiras de couro com emergente participação da China, que se tornou grande compradora da matéria-prima brasileira;
<ul style="list-style-type: none"> • sustentação de participação significativa das exportações brasileiras de couro, especialmente de couro acabado, em seus principais mercados externos, com destaque para Itália (couro acabado) e China (<i>wet blue</i>);
<ul style="list-style-type: none"> • desaceleração do superávit comercial brasileiro de couro, decorrente da redução das exportações, principalmente no contexto de crise internacional em 2009, mas com tendência de recuperação em 2010;
<ul style="list-style-type: none"> • importância do couro acabado na pauta de exportação brasileira, com efeito sobre a elevação do valor agregado do produto exportado: persistência de significativa participação, em termos de valor, das exportações brasileiras de couro acabado, que atinge preços mais elevados no mercado internacional;
<ul style="list-style-type: none"> • perspectiva de ampliação do mercado externo, considerando a recuperação gradativa e a diversificação da demanda externa com exigência de produtos de maior valor agregado e a continuidade dos esforços de elevação das exportações brasileiras de couro, que possibilitem a sustentação da retomada da produção doméstica e o aumento das exportações de couro, principalmente acabado – ameaças: concorrência externa e sobrevalorização da moeda nacional.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP.

4. PRINCIPAIS DESAFIOS COMPETITIVOS

A perspectiva de manutenção do crescimento da economia brasileira com base no comportamento virtuoso da demanda interna, bem como de recuperação gradativa e diversificação da demanda externa, com exigência de produtos de maior valor agregado, abre a possibilidade de que o desempenho da indústria brasileira de couro se torne mais positivo no futuro, reforçando o movimento de retomada da produção doméstica e de elevação das exportações de couro.

Neste sentido, a indústria de couro brasileira deve enfrentar alguns desafios competitivos: (1) o aprimoramento da qualidade do couro e a agregação de valor ao produto; (2) o aperfeiçoamento do processo de produção, associado à sua modernização e racionalização, bem como ao incremento da escala e do escopo da produção, visando o aumento da produtividade e a redução de custos; (3) o desenvolvimento das atividades de promoção, comercialização e distribuição dos produtos no mercado externo; e (4) o fortalecimento de sistemas locais de produção. A análise dos desafios competitivos enfrentados pela indústria brasileira de couro deve considerar o caráter heterogêneo de sua estrutura, marcada pela convivência de pequenos e médios curtumes, muitas vezes geograficamente aglomerados, com grandes curtumes que detêm considerável poder de mercado, inclusive com a presença marcante dos principais frigoríficos brasileiros, em movimento de consolidação e integração vertical.

O aprimoramento da qualidade do couro e a agregação de valor ao produto é um aspecto importante para a competitividade do setor analisado. Especialmente a articulação dos diversos elos da cadeia produtiva em torno da resolução dos problemas de qualidade do couro brasileiro, com a participação de importantes institutos de pesquisa, conforma um significativo espaço de atuação para as empresas da cadeia produtiva do couro, principalmente os curtumes, que desejam manter vantagens competitivas baseadas na ca-

pacidade de fornecer produtos com mais qualidade e maior valor agregado, que alcancem preços médios mais elevados no mercado internacional.

Esse fator é de suma importância para as grandes empresas, historicamente atuantes em mercados externos, e que têm enfrentado a crescente ameaça dos produtos mais baratos fabricados, sobretudo, por produtores asiáticos. Isso porque a qualidade e a agregação de valor ao couro podem constituir um caminho mais promissor para enfrentar o acirramento da concorrência internacional. Por sua vez, as empresas de menor porte também podem se beneficiar do desenvolvimento de esforços de aprimoramento do couro brasileiro, visando inclusive o atendimento a nichos mais especializados do mercado. Nesse sentido, tornam-se importantes políticas públicas voltadas especialmente para o suporte às menores empresas, que não possuem capacidade de gestão, de financiamento e de desenvolvimento da tecnologia, e que apresentam dificuldades de internalização do aprimoramento da qualidade de seus produtos, notadamente aquelas localizadas em importantes polos de produção, que propiciam medidas de apoio aos arranjos produtivos locais. O fortalecimento de instituições de pesquisa e de sua interação com empresas e universidades torna-se uma ação relevante para o incremento da capacidade de desenvolvimento de melhores produtos por parte das menores empresas.

Um dos desafios competitivos do setor de couro tem sido o aperfeiçoamento do processo de produção, em termos de utilização de equipamentos mais modernos (principalmente na etapa do corte); de maior racionalização e aprimoramento dos processos de produção (como o desenvolvimento de formas mais limpas e eficientes de tratamento do couro, incluindo a redução ou substituição de produtos químicos nocivos ao ambiente, como o cromo); de uso mais intensivo de mão de obra mais qualificada; e de aumento da escala da produção (especialmente importan-

te para competir em mercados externos), com o objetivo de reduzir desperdícios, aumentar a produtividade, minorar custos e preços e melhorar a qualidade do produto final.

As grandes empresas brasileiras têm mais facilidade para realizar um movimento de mudança no processo de produção, levando à sua modernização e racionalização, bem como ao aproveitamento de economias de escala na produção. Contudo, as pequenas empresas apresentam maiores dificuldades para acompanhar os desenvolvimentos em termos de gestão e de tecnologia da produção, seja para comprar e utilizar máquinas e equipamentos mais modernos seja para organizar e racionalizar o processo produtivo, que ainda mantêm características muito artesanais, que funcionam como limitações para o incremento da produtividade e da qualidade de seus produtos e para a redução dos custos de produção, assim como para o desenvolvimento de uma atividade exportadora. As PMEs apresentam inúmeras dificuldades de gestão da produção e do trabalho, de qualificação da mão de obra, de financiamento, e de logística, e também não conseguem aproveitar as vantagens que decorrem da elevada escala de produção, fundamental para quem deseja aprimorar a inserção internacional. Políticas de financiamento e de incentivo ao desenvolvimento do processo produtivo de empresas de menor porte devem ser reforçadas para desonerar a compra de equipamentos e estimular a modernização e sofisticação de produtos e processos.

Um terceiro desafio competitivo que continua a ser enfrentado pelo setor diz respeito ao desenvolvimento das atividades de promoção, comercialização e distribuição de produtos. O fortalecimento do couro brasileiro no mercado interno e externo, por meio de investimentos em programas de divulgação, da consolidação de canais de comercialização e de distribuição dos produtos, assim como sua diversificação, tornaram-se iniciativas crescentemente relevantes no ambiente competitivo. Cabe lembrar que as grandes empresas brasileiras, que atingiram uma importante e diversificada inserção internacional, certamente apresentam vantagens de comercialização e de distribuição de seus produtos, inclusive no plano externo. Entretanto, políticas públicas voltadas para o fortalecimento de sistemas locais de produção podem transcender a esfera

especificamente produtiva para incluir a esfera comercial, no sentido da promoção dos produtos locais e do estímulo ao desenvolvimento conjunto de canais de comercialização e de distribuição, visando, por exemplo, o atendimento a um mercado consumidor mais sofisticado e exigente, inclusive em escala internacional.

Um último desafio a ser considerado é o fortalecimento de sistemas locais de produção, aprimorando as vantagens de aglomeração, como aquelas relacionadas à qualificação da mão de obra e às interações entre agentes da cadeia produtiva do couro – por exemplo, curtumes e fabricantes de produtos finais de couro, como calçados. A concentração de empresas em sistemas locais de produção configura-se aspecto essencial para a competitividade principalmente de curtumes de menor porte, que passam a ter a oportunidade de aproveitar externalidades positivas geradas localmente. Essas aglomerações espaciais são geralmente formadas por um amplo conjunto de pequenas empresas que se apropriam de benefícios gerados pela própria concentração e interação entre elas. Faz-se necessário fortalecer as economias de aglomeração, o desenvolvimento conjunto de tecnologia (produto e processo), a qualificação da força de trabalho e a gestão de ativos comerciais (como canais de comercialização), pois surtem efeitos positivos sobre a competitividade das empresas curtidoras, principalmente as de pequeno porte.

Portanto, existem certamente vários desafios competitivos que devem ser enfrentados pela indústria brasileira de couro, principalmente por suas pequenas e médias empresas. As dificuldades existentes acabam levando, por um lado, a produtos de baixa qualidade, e, por outro lado, a custos e preços mais elevados e, conseqüentemente, à perda de espaço das pequenas e médias empresas no ambiente competitivo, bem como às dificuldades de enfrentamento da concorrência internacional e das barreiras comerciais e técnicas impostas por importantes consumidores externos. A perspectiva de sustentação do crescimento econômico nos próximos anos serve de incentivo para o enfrentamento das fragilidades e para o aproveitamento das oportunidades que se colocam para a indústria de couro brasileira. A contribuição das políticas públicas ao setor produtivo nos pontos levantados acima tende a adquirir fundamental importância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) (2008a). Panorama Setorial. Cadeia Coureiro, Calçadista e Artefatos. **Série Cadernos da Indústria ABDI**. Volume III. Brasília, 2008.

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) (2008b). Estudo Prospectivo. Cadeia Coureiro, Calçadista e Artefatos. **Série Cadernos da Indústria ABDI**. Volume IV. Brasília, 2008.

Alves, V. C.; Renofio, A. & Barbosa, A. S. (2008). **The Leather Industry and its environmental impact: subsidies for the implementation of environmental management actions**. Trabalho apresentado na POMS 19th Annual Conference. La Jolla, California, USA. May 9 to May 12, 2008.

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) (2007). A Indústria de Curtumes no Brasil. **Informe Setorial**. Rio de Janeiro, outubro de 2007.

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). **Estatísticas Operacionais**. Desembolso anual e mensal do Sistema BNDES por Setor CNAE. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/BNDES_Transparente/Estatisticas_Operacionais/setor.html. Acesso em 01/12/2010.

Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB). **Análise da Exportação Brasileira de Couros e Peles – Janeiro a Setembro de 2010**. Disponível em: <http://cicb.com.br/sobre-o-mercado-do-couro.php>. Acesso em 01/12/2010.

Costa, A. B. (2002). **Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil: impactos das zonas de livre comércio. Cadeia: Couro e Calçados**. Nota técnica final. Convênio: MDIC/ MCT/ FINEP/ NEIT(IE/UNICAMP). Campinas/SP: dezembro.

Cunha, A. M. (coord.) (2008a). **Relatório de Acompanhamento Setorial (Número 1): Couro e Calçados**. Convênio: Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) e Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT/IE/UNICAMP). Campinas, março de 2008.

Cunha, A. M. (coord.) (2008b). **Relatório de Acompanhamento Setorial (Número 2): Couro e Calçados**. Convênio: Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) e Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT/IE/UNICAMP). Campinas, setembro de 2008.

Food and Agricultural Organization of United Nations (FAO) (2004). **Perspectivas a Plazo Medio de los Productos Básicos Agrícolas. Proyecciones al año 2010**. Documentos de la FAO sobre Productos Básicos y Comercio. Roma, 2004.

Food and Agricultural Organization of United Nations (FAO) (2007). **Global Hides and Skins Markets: a review and short-term outlook**. July 2007. Disponível em: http://www.fao.org/es/esc/common/ecg/369/en/2007_HS_Markets.pdf. Acesso em 15/12/2010.

Garcia, R. & Madeira, P. (2007). **Uma agenda de competitividade para a indústria paulista. Cadeia Couro e Calçados**. Nota técnica final. Convênio: Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT)/ FIPE/ NEIT/IE/ UNICAMP. São Paulo/SP: outubro.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cadastro Central de Empresas** (CCE), 2005 e 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Industrial Anual** (PIA), vários anos.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Contas Nacionais. **Matriz de Insumo-Produto Brasil (2000 e 2005)**. Rio de Janeiro, 2008. http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/matrizinsumo_produto/default05_12.shtm. Acesso em 02/12/2010.

International Council of Tanners (ICT). **Perspective on leather: its place in the world**. Disponível em: <http://www.tannerscouncil.org/perspective.htm>. Acesso em 15/12/2010.

International Council of Tanners (ICT). **Leather Statistics and Sources of Information**. Disponível em: <http://www.tannerscouncil.org/ict%20stats2008.pdf>. Acesso em 29/11/2010.

International Trade Center (ITC) (UNCTAD e WTO). **Leather Guidebook**. Disponível em: <http://www.intracen.org/appli2/eBook/ViewEBookDetail.aspx?fromsrch=n&NodeID=267>. Acesso em 15/12/2010.

Jacinto, M. A. C. (2001). **Produção de couros**. Reuniões Técnicas sobre Couros e Peles. EMBRAPA Gado de Corte. Campo Grande/MS, 25 a 27 de setembro de 2001. Disponível em: <http://www.cnpqg.embrapa.br/publicacoes/doc/doc127/10producao.html>. Acesso em 15/12/2010.

Jornal Exclusivo. Entrevista com o Presidente da CICB, 25/01/2010 – Disponível em: <http://cicb.com.br/opinioes.pl>. Acesso em 10/11/2010.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Secretaria de Comércio Exterior** (SECEX). Estatísticas de Comércio Exterior. Vários anos.

Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). **Relatório Anual de Informações Sociais** (RAIS), vários anos.

Organização das Nações Unidas (ONU). **United Nations Commodity Trade Statistics Database** (Comtrade).

Santos, A. M. M.; Correa, A. R.; Alexim, F. M. & Peixoto, G. B. T. (2002). Panorama do Setor de Couro no Brasil. **BNDES Setorial**. Rio de Janeiro, set. de 2002.

Valor Econômico. "JBS cria empresa para atuar em couro". 28/08/2009.

Valor Econômico. "Marfrig investe em couro em nova disputa com a JBS". 23/09/2009.

Valor Econômico. "Consolidação ganha corpo em usinas e frigoríficos". 06/11/2009.

Valor Econômico. "Produtividade cresce três vezes mais que os salários na indústria". 23/09/2010.

Valor Econômico. "Índia assume terceiro lugar na exportação". 29/09/2010.

